

VAMOS PENSAR?

Mario Tessari

© Mario Tessari, 2020.

Mario Tessari

escreveu os textos e diagramou o livro.

Maria Elisa Ghisi

incentivou, leu, opinou, revisou e aprovou.

Elis Ribeiro Soares Tessari

compôs o desenho da capa.

Contatos com o autor:

mariotessari@gmail.com

<http://livrosdomariotessari.wordpress.com/>

Sumário

5	O RIO E A SANGA
7	VÍTIMA DE HOSPITALIDADE
10	VIZINHANÇAS
12	ARTES E ARTIMANHAS
13	DESEJO SUBJUNTIVO
15	PEDIDA
17	ANIVERSÁRIO DE JÚLIO DIAS DE QUEIROZ
19	A VIDA DE JÚLIO DIAS DE QUEIROZ
22	MINHA LISTA DE DESCONHECIDOS
24	PARTE DO PROBLEMA
27	AUTOANÁLISE. AUTOCURA.
28	MORTE CONSCIENTE
29	O DIREITO AUTORAL DAS SEMENTES
30	ADMIRAÇÃO
32	COMPETITIVIDADE E AUTOPRESERVAÇÃO
34	CASAMENTO PERCENTUAL
38	PARA VIVER O CASAMENTO
39	MENSAGEM PARA CERIMÔNIA DE CASAMENTO
42	CARTA A UM SEPARANDO
46	OPINIÃO DE ESPECIALISTA
49	DO POÇO PARA A VIDA
51	DEUS SALVE O REI
52	DEUS, UM DELÍRIO... COLETIVO.
55	FIGURANTES POLÍTICOS
59	A IMAGEM E A ESTÁTUA
61	BATATAS DA ECONOMIA
63	QUEM MANDA?

65	TUMOR DE COLÍRIO
68	CÂNCER EM MAMA
71	HOMO SAPIENS SAPIENS FUTURUS
74	QI
75	OUVIDOS CANSADOS
77	ENCONTRO ANUAL
80	CISCO NA PLATEIA
84	ENTIDADES DE RUA
87	INCLUIR POR NÃO TER PREVENIDO
91	GALANTEIOS, IRONIAS E MACHISMO.
93	INGENUIDADES CONSAGRADAS
102	PEDOFILIA HUMANA
105	COM VOCÊ, SOMOS TODOS SENHORES.
108	ARTES E ARTIMANHAS
112	O GOSTO DO MAR
115	INTERESSES INTER-ESSES
117	IDEIAS COLETIVAS
119	FORMAÇÃO PROFISSIONAL
121	MERCADO DO MAGISTÉRIO
124	COLONIALISMO DIDÁTICO
132	ILUSÃO DE PODER
133	QUEM PENSA QUE SABE NÃO APRENDE
135	HISTÓRIA NOSSA DE CADA DIA
142	HISTÓRIA ANTROPOLÓGICA
145	PROFESSOR DE HISTÓRIA
148	SOCIALISMOS BRASILEIROS
151	A FORÇA SOCIAL
157	QUASE DO ALTO DA MONTANHA

O RIO E A SANGA

O Rio Itaguá e a Sanga Grande deslizam sobre o mesmo leito. Entretanto, de forma um pouco diferente. Na maior parte do ano ou por um ano todo, águas cristalinas formam o Rio Itaguá. Eventualmente, em tempos desavisados, essa paz operativa é assaltada por uma avalanche de águas barrentas que carrega plantas e peixes, além de devastar as margens. Aí, o rio vira uma sanga.

O Rio Itaguá escorre manso como uma água cotidiana, com a regularidade de um relógio; a Sanga Grande é força de enxurrada devastando a vegetação ribeirinha. Ele é todo encanto; ela é pura fúria.

Para quem vê um corguinho passar cantando na maioria dos dias normais não imagina que, nas meias-estações, esse seja invadido por torrentes descontroladas que carregam pontes e barragens. Até mesmo as pedras do leito, que servem de esteira para as águas tranquilas do de-quase-sempre, são arrastadas pelas correntezas dos temporais.

Também de excessos os dois são tomados: o Rio Itaguá é acometido de secas avarentas que roubam quase toda a sua água; a Sanga Grande, nos inícios de outonos e de primaveras, é dominada por epidemias de enchentes, como que diarreias da Natureza.

Ele sofre dessas anemias cíclicas de seca, ela, esporadicamente, recebe ataques convulsivos de descargas atmosféricas que transformam a regularidade costumeira em enxurradas.

Vocês podem estar pensando que esse texto seja apenas um surto poético. Porém, asseguro que ele retrata somente a realidade real, possível de ver e de comprovar.

31.01.2016

VÍTIMA DA HOSPITALIDADE

Quando menino, minha mãe me mandou levar alguma coisa para a casa de uma família de descendentes de alemães. Como minha mãe ganhava dinheiro costurando, deve ter sido para entregar algum vestido, camisa ou calça encomendada. Fui um pouco antes do meio-dia.

Eu conhecia ‘de longe’ a família de tons meio dourados, na pele e nos cabelos. As sardas – ilhas de pigmento mais adensado que, agora, o dicionário me conta que são ‘efélides’ ou lentigos’ – cobriam parte dos rostos, com maior concentração nas áreas mais expostas à luz solar, e cabelos entre louros e ruivos cobriam as cabeças. Os sotaques pronunciadamente germânicos completavam as nossas disparidades.

Ah! E eles costumavam almoçar cedo. E estavam almoçando. E minha timidez não encontrou palavras para me livrar do convite quase autoritário.

Mais uma diferença cultural. Os meninos De Negri se serviam do que escolhessem à mesa e nas quantidades desejadas; a mamãe loura serviu o prato de cada menino. Inclusive, o meu.

A bondosa mulher colocou diante de mim um pouco de arroz e diversas bolas de sangue brilhante, que ia tingindo o prato, o garfo e o arroz. Me senti

encurralado. Meus pais nos disciplinaram a sermos muito corteses, afáveis, até. Entretanto, aquele imaginado sangue vermelho vivo trancava com náuseas a minha garganta.

Depois de um longo exercício mental (que eles tomaram como tempo em que eu rezava em silêncio...), garfei a primeira bola rubra, me concentrei, fechei os olhos e enchi a boca... com um gosto desconhecido, mais desconhecido ainda que o sabor que eu imaginava ser o de sangue cru. Ainda bem que era macia e meio adocicada... Mastiguei com os olhos fixos num retrato de família pendurado na parede em minha frente.

Não doeu. Mais uma, mais uma, mais uma, ... Ufa!!! Sobrou o arroz com as beiradas ‘ensanguentadas’. Porém, nem deu tempo de avançar nos grãos; a mulher, contente ‘por eu ter gostado tanto das beterrabas’, depositou no meu prato mais uma farta remessa...

Passados quarenta anos, fui mais uma vez convidado para almoçar, na época, na casa do prefeito e da primeira dama de Natividade, no Tocantins. Almoço especial: arroz com pequi.

Antes que eu protestasse independência de escolha alimentar, a dona da casa serviu o prato do convidado sob os olhares dos senhorios e dos servos. Todos em silêncio. Eu – mais calado ainda – vi surgir diante de mim meia banda do fundo de uma panela de arroz que ‘esqueceram no fogo’, circundada de

amarelos pequis ao molho. Meu nariz – que, coincidentemente, tem também dois lados – ficou dividido entre o aroma dos frutos e o forte cheiro de arroz tostado.

Que fazer? Procurei me concentrar no sabor do suculento pequi e fui triturando as crostas e os poucos grãos de arroz que se salvaram do forte bronzeamento. E sempre atento ao alerta: “Cuidado com os espinhos do pequi!”

No entanto, as quatro décadas transcorridas desde a primeira experiência com beterrabas haviam amainado minha timidez e, quando a bondosa anfitriã tentou repetir a dose, me pus na defensiva: “Agradeço! Já estou satisfeito.”

Sobrou ainda coragem para manifestar minha estranheza para com o descuido da cozinheira. Então, entre risos, me explicaram que todos eles adoravam comer o arroz queimado do fundo da panela e que era costume servir a melhor parte da refeição ao convidado ilustre. Por isso, naquele dia, se contentaram em dividir entre si só a metade da guloseima.

VIZINHANÇAS

Ao falarmos de ‘vizinhos ruins’, talvez, estejamos falando do desconforto que sentimos em relação a divergências.

Em geral, somos muito defensivistas. E irracionais, também. Ou seja, agimos emocionalmente, sob perturbação moral. Indignados porque os outros seguem diferentes padrões comportamentais ou porque mantêm hábitos antigos ou muito inovadores. Como dizia Anna Maria, minha mãe: “Os outros, ou são muito jovens ou estão muito velhos; eu é que estou na idade certa.”

Uma coisa é um vizinho mau; outra, um mau vizinho. Há, é claro, uma minoria de pessoas maldosas em toda parte. Há predadores e há belicosos. Inclusive entre plantas e outros animais.

No entanto, a maioria das pessoas quer acertar, colaborar, cooperar e viver em paz, seguindo as regras do jogo social, sem prejudicar ou tirar vantagens. A maioria das pessoas prefere viver em comunidade e contribuir para a harmonia produtiva.

Possivelmente, consideramos ‘maus vizinhos’ aqueles que pensam de forma diferente; aqueles que têm outros hábitos, outros costumes e seguem outra tábua de valores.

Com pequena dose de tolerância, poderemos permitir que os outros pensem e ajam de forma autônoma, no trabalho, na religião, na família, na alimentação e na filosofia de vida. Afabilidade, cortesia e generosidade podem gerar reflexos. Ou seja, se formos afáveis, corteses e generosos, aumenta a chance de os outros serem também cordiais conosco.

Mesmo que nós tenhamos a boa intenção de ajudar, podemos ser considerados invasivos, metidos, prepotentes, agressivos. Devemos nos esforçar para entender as reações dos ‘incomodados’ que nos incomodam.

As disputas de poder permeiam todas as relações humanas. Mais fortemente, as relações conjugais: sujeitas ao jugo ‘amoroso’. Estão, também, presentes em outras relações familiares. Aparecem menos, mas de forma mais diversificada, nas relações de vizinhança e de comunidade.

Enfim, a vida é uma luta por espaços e pela sobrevivência física, espiritual e/ou social em nosso habitat.

ARTES E ARTIMANHAS

A maioria das pessoas usa arte e engenhosidade para organizar o entorno, produzir beleza, auxiliar a natureza, cooperar e criar confortos. Entretanto, alguns se utilizam desses instrumentos para iludir, ludibriar, lograr, enriquecer, conquistar, agredir e dominar.

Fazendo o bem, a maioria das pessoas amplia o mundo individual; em geral, as pessoas fazem pouco barulho e procuram conviver em harmonia.

Os beligerantes competitivos, que são minoria (nos dois sentidos, de minoridade e de limitada parcela populacional), fazem sucesso nos palcos da vaidade, da cobiça e da intolerância.

Continuamos vivendo como os escravos do Reino do Brasil no Século XIX: somos a maioria esmagadora, uma multidão que coopera e trabalha para que todos tenham vidas prazerosas. Mesmo assim, aceitamos o jugo do barbante nas mãos de uma minoria que manipula nossas mentes e nossas vidas; ingênuos, sem rebeldia, nos submetemos à maldade de discursos e de ciladas.

DESEJO SUBJUNTIVO

Se alguém disser a uma criança “Seja um bom menino!”, podemos concluir que o comportamento do menino está aquém dos requisitos mínimos para ser ‘bom’, pelos critérios morais daquele que repreende. Se melhorar, será ‘um bom menino’.

Analogamente, se me desejarem “Seja Feliz!”, interpretarei que não estou sendo feliz e que o desejante gostaria muito que eu fosse, apesar da infelicidade que vivo. E eu nem sabia disso.

Se está escrito “Seja bem-vindo!”, posso interpretar que não sou bem-vindo. “Seja”, no presente do modo subjuntivo *[a ação ou estado denotado pelo verbo como um fato irreal, ou simplesmente possível e desejado]* (Houaiss)]. Alguém deseja que seja no futuro; ainda não é. Talvez, um dia, em outras circunstâncias serei bem-vindo.

Ou seja, minha presença é aceita ali, porque não é proibida. Todavia, não desejada... agora; será em um momento oportuno. Não sou bem-vindo, ainda; talvez seja no futuro. Estou num estágio subjuntivo, esperando que o desejo atinja a plenitude: estou num estado irreal, possível de realizar. Dependendo do julgamento de alguém.

A advogada bem sucedida escreveu: *“Gostaria de te desejar um feliz aniversário, [...]”* Ela ainda está indecisa se gosta ou não, se deseja ou não; apenas desejosa de gostar. Fica a dúvida, indefinida.

“Bem-vindo!”, “Bom Dia!”, “Obrigado!”,
“Atenciosamente”, dentre outras, são expressões cerimoniais, vazias... e falsas. Elas dizem o que deveríamos fazer ou aquilo que fazemos automaticamente. Coisas apenas ditas por polidez. Fazem parte do ritual.

Que tipo de dia eu quero para mim?

Que tipo de dia eu quero para o outro?

O que é bom para mim é bom para o outro?

Estou obrigado a quê?

Quantas dessas ‘obrigações’ são cumpridas?

Eu aceito tuas obrigações ‘espontâneas’?

Que tipo de atenção me oferecem?

Nem prestavam atenção em mim...

Muito menos atenderam meu pedido.

17.02.2011

PEDIDA

Ao finalizar o curso de pós-graduação em psicopedagogia clínica, promovemos uma confraternização em que cada um deveria ‘falar algumas palavras como despedida’. Aproveitei para refletir sobre o significado da palavra despedida. DES PEDIR: desfazer o pedido.

“O que queremos dizer ao pronunciar o vocábulo ‘despedida’? Que desejamos desfazer nossos pedidos? Que desistimos das perguntas, das respostas e dos auxílios pendentes? Que abdicamos dos nossos interesses?

Após a partida de uma pessoa, quando dela nos separamos definitivamente, a ela, não mais pedimos favores, nem opiniões. É isso mesmo que nós queremos fazer a partir de hoje? Não mais procurar os colegas e os professores para pedir opiniões e ajudas? Se assim procedermos, será porque não aprendemos a lição psicopedagógica maior.

Durante o curso, o que pedimos aos colegas? O que oferecemos? Ao estudar psicopedagogia, estávamos procurando compreender as dificuldades de aprender... só dos outros?

Como lidamos com as nossas dificuldades de aprender? O que aprendemos? Poderíamos fazer um inventário das nossas aprendizagens nesse grupo? O

que aprendemos sozinhos? O que aprendemos com as pessoas que concordaram com nossas ideias? O que aprendemos com as pessoas que se opuseram às nossas verdades?

Penso que aprendemos mais com os que tiveram a coragem e a amizade de quebrar nossos espelhos... espelhos viciados e coniventes, que refletem apenas a parte da realidade que aceitamos. Espelhos que refletem nossas máscaras.

Se, nesse curso, fomos ajudados a nos ver um pouco mais parecidos com o que somos, agora, poderemos trabalhar as nossas próprias dificuldades de aprender e de saber: QUEM SOU EU?

E, psicopedagogicamente, sabemos que a aprendizagem tem seu tempo de gestação. Não de uma gestação biológica; gestação de ideias, tempo para aprender, período de uma gestação cultural, intercalada de períodos de latências, de vazios e de retrocessos. Sabemos que a aprendizagem não é automática e instantânea. Que podemos chegar ao conhecimento em um dia, em uma semana, em um mês, em um ano, no fim da vida ... ou nunca. Que cada um tem seu ritmo e seu prazo. Talvez, no futuro, nos surpreenderemos com descobertas concebidas nesses catorze meses de curso, entretanto, com períodos de incubação diversos.

Nem todas as sementes da Turma 'J' já nasceram; algumas estão em processo, outras ainda não caíram no chão da vida."

22.05.2002

Aniversário de JÚLIO DIAS DE QUEIROZ

Há noventa anos, em 18 de fevereiro de 1926, nascia uma mente brilhante, com olhar agudo, capaz de sondar os abismos da psique humana e de analisar profundamente os devaneios da sociedade.

Formado universalmente em múltiplas e diversificadas experiências, depois de servir a governos e de enobrecer a Cultura, dedica-se à literatura com clarividência ímpar, revelando as sutilezas dos sentimentos do amar e do sofrer. Júlio conversa com a morte e nos conta os seus segredos; ILUMINANDO O MORRER, nos ajuda a superar os falsos medos.

O talento do escritor cresceu com a idade e ele se aprofunda na análise de tabus e de mitos. Desvenda os segredos da sexualidade humana como quem descreve o plantio de uma flor; descasca a fé como quem prepara os frutos amargos dos dogmas para transformá-los em religiosidade digerível.

Pessoa de humildade beneditina que sabe ser amigo nas horas adequadas e orienta os jovens colegas da confraria de escritores com firmeza e ternura.

Júlio de Queiroz é meu pai literário. Ele deu início à nossa amizade através de uma carta, na qual assegurava que meus esforços seriam

recompensados, pois eu poderia progredir no manejo das palavras. Era o Mestre estendendo a mão ao aprendiz.

Querido amigo, meu pai literário, desejo que, neste dia memorável, teus olhos contemplem a Baía Sul e consigam enxergar para além da vida.

17.02.2016

A VIDA DE JÚLIO DE QUEIROZ

Nascer e morrer são conceitos subjetivos.

Quando nasceu Júlio Dias de Queiroz? No momento em que saiu do ventre da mãe? Ou a vida biológica começou bem antes, no dia da concepção?

Objetivamente, podemos datar os ritos de passagem: para a família, nasceu no dia do parto; para a Nação, no dia do registro civil; para a Igreja, no dia do batismo; para a Academia Catarinense de Letras, no dia da entronação na cadeira 10.

Para a mente do Júlio, a vida psicológica se efetiva a partir das memórias mais antigas; talvez, lá pelos quatro anos civis. Para mim, Júlio Dias de Queiroz nasceu na véspera de Natal de 1981, quando recebi a carta dele, escrita cinco dias antes. Foi aí que ele passou a existir pra mim. O mestre tinha encontrado três poemas de minha autoria no Varal Literário da Praça XV, que impressionaram *“pela intensidade e pela precisão de linguagem”*. Por se sentir identificado comigo, propôs *“conversar sobre a poesia, sobre o mundo e sobre a gente”*.

Durante 34 anos, trocamos cartas e mensagens. E recebi alguns bons puxões de orelha: *“Estou fora do linguajar moderno, mas não empregaria “usufruir”*

para dizer “fruir” ou “gozar”. [...] Você é bom demais para cair (três vezes) no linguajar dos ‘cocôs’.

No dia 24 de janeiro de 2016, o Júlio manifestou seu estado de espírito: *“Mario, do pouco do que tenho – e não estou sendo falsamente modesto – tenho a obrigação de dividi-lo antes da partida para a outra dimensão do existir, que está muito próxima.”*

Agora, ouvi dizer que ele morreu... Deve ser mais uma das brincadeiras dele, pois, ultimamente, ele vivia dialogando ludicamente com a morte; se tornaram amigos, se entendiam perfeitamente. Talvez, tenham combinado dar uma volta, fazer um passeio ou mesmo uma viagem mais longa.

Depois que ele comemorou o aniversário de noventa anos, foi aos poucos se retraindo, ficando lacônico, trocando nossas conversas por silêncios misteriosos. Talvez, estivesse realizando um dos últimos desejos: *“viver o meu morrer”*.

Ficaram alguns assuntos pendentes... Ele cobrava meus romances e eu ia mostrar pra ele os rascunhos de Suçurê; o outro está apenas concebido e inicia a gestação... Também ele, nunca me mostrou o livro que estava escrevendo depois dos noventa... Espero que tenha deixado os manuscritos com a Salma ou com o Celestino...

Levando em conta os silêncios dele – ultimamente –, pra mim vai fazer pouca diferença, pois posso conversar com os livros que ele escreveu, ler a lista

de obras indicadas por ele e escrever sempre mais e melhor.

Vai ser bastante difícil o Júlio Dias de Queiroz morrer dentro de mim; ele será eterno...

E pra você? Você acredita no que estão dizendo por aí: que ele morreu? Ou dará vida e continuidade às brilhantes ideias dele?

02.06.2016

MINHA LISTA DE DESCONHECIDOS

Quando jovem, ... (Quando mesmo que fui jovem? Quando deixei de ser jovem? Resta alguma jovialidade em mim?) Bem. Quando ainda imaginava ser jovem, eu enfrentava qualquer parada: trabalho pesado, serviço difícil, festas, conflitos e campanhas eleitorais. Para muitos, fiz diferença, colaborei; para a maioria, fui paisagem, um rosto anônimo; para alguns, fui estorvo, um incomodador.

Como disse aquele monge ao completar 86 anos, comecei com a ilusão que poderia mudar o mundo e acabei mudando um pouco em mim mesmo.

Tive, durante muito tempo, a pretensão de elucidar dúvidas, desvendar mistérios, conquistar pessoas por convencimento e de manter relações amigáveis insistindo em explicações. Ah! Ajudar as pessoas no aprendizado do que eu considerava importante e que considerava seria muito importante para elas. Observava a forma como as pessoas dirigiam, criticava os desmatadores, orientava os esbanjadores, me preocupava com os telhados dos vizinhos, ria dos ridículos, ... Enfim: cuidava da vida alheia.

Aí, durante um desgosto mais amargo, tive a ideia de iniciar minha lista de desconhecidos. Quando uma

pessoa de minha rede de relações se mostrava resistente ou incomodada com minhas opiniões, quando os parceiros sabotavam meus esforços, quando uma pessoa me traía, quando alguém me ofendia, ... A lista cresceu, mesmo usando doses de benevolência e permitindo, em alguns casos, uma segunda chance.

Nessa minha lista de desconhecidos, coloquei arrogantes, brigões, vingativos, espertos, estúpidos, caloteiros, hipócritas, dissimulados e/ou fingidos.

Reduzi contatos, evitei aborrecimentos, deletei mágoas, parei de querer mudar quem não quer mudar, deixei caídos os que me empurraram e economizei desprezos.

Deixei de gastar minhas energias e de empatar o meu tempo com ex-conhecidos.

Para os desconhecidos convencionais, ainda dedico parte da minha atenção. Porém, quando encontro um desses desconhecidos contabilizados, concentro esforços em neutralidade planejada. Como diz a gíria: “passo reto”.

Há tempo, escrevi o poema “Menos amigos, mais amizade”, que procuro sempre reler, para me manter crítico e prosseguir no meu processo de enxugamento.

PARTE DO PROBLEMA

Eu sofria ataques verbais dos vizinhos, sem compreender a razão de tão intensas e contínuas agressões.

Conversando com os filhos, um deles afirmou que eu estava provocando a situação.

No primeiro momento, senti abalo emocional: considereei que até o filho estava contra mim.

Depois, refleti: ele falou isso por um motivo. Procurei inverter o meu ponto de vista, experimentar outros olhares, tentar ver por outro ângulo. Imaginar o que meu filho via.

Então, conclui: minha afabilidade, meus sorrisos silenciosos e minha vontade de ajudar criavam barreiras e, até, aversão. Afinal, eu era ‘de fora’; o que estaria querendo? *“Ensinar a gente viver do jeito dele?”* Minhas palavras eram recebidas como desaprovação do modo de vida dos ‘nativos’. Eu era ‘de fora’, não comungava dos valores deles, como criar bois atados em cordas à beirada de estradas, proliferar cães e gatos, jogar lixo no rio, ... Minhas opiniões, atitudes e crenças causavam desconfortos e desencadeavam reações agressivas.

Queriam ‘me expulsar’. Assim, eles estariam livres de ‘críticas delicadas’ e de orientações ‘urbanas’ (*“pensa que vive na cidade”*), como ensinar pessoas a ler e a

escrever, aparar a relva, cultivar jardim, plantar flores, construir canteiros na horta em retângulos sob medida, *“fazer trabalho de mulher”*, perder tempo plantando árvores, ... Como o Plínio Schmidt me alertou: *“Andam dizendo por aí que o senhor é um louco. Enquanto todo mundo luta pra limpar os terrenos, o senhor planta mato.”*

Minhas tentativas de conversar, minha disponibilidade, meus desejados diálogos sem entrar no jogo verbal de revidar, sem responder à altura, sem ter uma *“atitude de homem”*. Meu comportamento cortês agredia as pessoas, minha tolerância com homossexuais e com negros depunha contra valores ‘consagrados’; meu ateísmo assustava.

Ou seja, eu era parte do meu problema. Ou pior: eu causava problemas.

Eu escrevia frases filosóficas no quadro pendurado na varanda. E a maioria deles despreza a leitura ou nem sabe ou não quer ler... Eu escrevo livros; *“Vai ver que tá escrevendo da gente...”*. Meu comportamento, sem que eu tivesse consciência disso, atraía o ódio dos ‘normais’. Ao longo de dezesseis anos, esporadicamente, sofri tempestades de palavrões e de acusações infundadas do vizinho, que, talvez, estivesse indignado com meu silêncio complacente, com minha ‘educação exagerada’. *“Tem gente que estuda a vida inteira e não aprende a ajudá quem precisa.”* *“Bicha covarde. Froxo. Se iscode atrás da janela e da muié, foge pra banda de lá do rio.”*

Pesquisei e encontrei alguns ensaios sobre a aversão aos benevolentes e aos afáveis. Afável? Uhhhhmmmm! Afável... Seria falta de atitudes viris? Falta de capacidade de enfrentamento? Covardia? Enfim, um 'homem frouxo'... Então, querer a paz, querer viver em harmonia, seria agressivo aos belicosos? Fugir das competições, das encencas e dos riscos sociais seria uma provocação para os empreendedores, para os destemidos? Sou um franguinho manso que se encolhe a cada bicada? Meu desejo de 'ficar quieto no meu canto' agride os competidores? Meu silêncio incomoda os que gritam? Percebo que essa minha afabilidade ofende as pessoas... que me atacam... e eu me encolho... Ao fugir de polêmicas, de confusões e de brigas, eu provoço a ira deles. Escolhi me retrair, abdicar da convivência comunitária e permanecer calado, sem contextualizar situações e sem relatar meus sentimentos.

Convicto de que sou parte dos problemas que causo, passei a usar essa dúvida em minhas análises de conjuntura e nas solicitações de aconselhamento.

Por esse ponto de vista, vejo que a maioria dos problemas persiste porque as pessoas se sentem vítimas condescendentes; não se veem como parte do problema e continuam agindo de boa-fé, crentes que 'fazem o bem'.

Acredito que o reconhecimento de que somos parte dos problemas pode contribuir na solução das nossas dificuldades afetivas e nas melhorias de nossas relações sociais.

AUTOANÁLISE. AUTOCURA.

Consigo lidar com os limites da mente, do espírito. Basta uma dose de humildade e a firme decisão de aceitar a realidade. Tenho relativo controle sobre o campo psicológico. Invento esperanças, alimento ilusões, cancelo projetos, reinvento motivos para viver. Leituras e escrituras ajudam a curar feridas emocionais. Meditar, conversar, dialogar, ... procedimentos que aliviam as decepções e podem fortalecer meu senso de realidade.

No mundo físico, os limites são mais persistentes, mais teimosos. Mostram força e colocam as soluções depois do horizonte, para além das minhas forças. A chuva, a seca, o calor, o frio, o vento, o corpo, ... Os elementos naturais seguem o ritmo eterno e fico à mercê deles. Analiso meu corpo, o transportador de minha mente, o habitat de meu espírito. Tento otimizar os movimentos, administrar o funcionamento. Com dificuldades, porque meu corpo envelhece depressa, degenera. Ao contrário da mente, que se renova a cada incentivo, a cada estímulo, a cada carinho recebido, o corpo define inexoravelmente.

Autoanálise. Autopreservação. Autofinamento. A mente ativa governando um corpo em constante redução, enfraquecido. Busco meu fim.

No fim, serei muitas ideias em um corpo frágil. Essa será a mais perfeita das imperfeições. A perfeição possível.

23.09.20

MORTE CONSCIENTE

Morremos no momento que tomamos consciência da morte. A falência dos órgãos vitais determina o término do processo biofísico; apenas, o desligar da máquina humana.

Hoje (20.01.2023), eu morri. Isto é, tomei consciência da minha morte: da inutilidade de meus esforços, durante décadas, para construir estruturas habitacionais e estruturas culturais. Eu sou nada. Nada ficará. A floresta será derrubada, as aves silvestres serão presas ou abatidas, as fontes voltarão a secar, o dinheiro será gasto e as palavras serão dispersas ao vento.

Eu é que, fantasma de mim mesmo, sobrevivi à minha morte, para contemplar a dissipação no meu mundo idílico. Como fantasma, me sinto bem mais leve...

Viver é acreditar nas próprias ilusões.

O DIREITO AUTORAL DAS SEMENTES

As palavras e as ideias são de domínio público, sem direitos autorais. O direito autoral é do texto, que pode ser uma leitura ou releitura, escritura ou reescritura. Há, também, textos totalmente inéditos, cuja autoria deve ser reconhecida.

As aves e as árvores não se preocupam com a ‘maternidade/paternidade’ das sementes; elas apenas contribuem para a continuidade da vida.

Os seres humanos, com suas imbecilidades, é que lutam e brigam por vitrines, palcos, passarelas, aparências e vaidades.

ADMIRAÇÃO

Eu admiro o voo dos pássaros. Posso passar horas, no templo da floresta, con-templando os pássaros em suas ousadias e em suas habilidades voláteis, que representam a real liberdade. Admiro, apenas... não quero estar com eles no ar, não pretendo imitar.

Admiro os heróis; fujo de heroísmos. Prefiro ser normal, passageiro, substituível e livre de idolatrias. Jamais eterno. Meu corpo e minha mente são finitos. Talvez, minhas ideias se propaguem e sobrevivam ao meu sopro vital...

Admiro os vizinhos. Admiro apenas. Prefiro ser plateia e auditório dos projetos e das realizações deles, enquanto continuo silvestre, elemento da Natureza, convivendo com os bichos e plantando as sementes.

Admiro a Primavera. Todavia, o encanto dela está – exatamente – na impermanência, na fugidade das estações e dos ciclos cósmicos. Se fosse primavera o tempo todo, já estaríamos cansados do eterno florir. A beleza das flores começa na esperança, no saber esperar, que inclui semear, plantar, regar, cuidar e imaginar. E as esperanças vegetam durante os outonos e os invernos.

Procuro saber o que admiro; prefiro ter consciência do que vivo, do que quero continuar vendo de longe, do que quero viver integralmente no dia-a-dia. A beleza e a funcionalidade da vida estão na diversidade, na compreensão dos ciclos... semelhantes, porém, sempre modificados, diferentes em detalhes que fogem ao nosso entendimento. Depois de séculos, identificamos as mudanças significativas.

Se chovesse o tempo todo ou se nunca chovesse, as plantas seriam extintas. A monotonia mata. A monocultura se autodestrói. Inclusive, a monocultura literária.

Viver para sempre seria a 'morte de novas vidas'. A soberba humana pode pretender ser eterna; há quem acredite que sua estupidez seja insubstituível.

O inverno e o morrer são tão importantes quanto a primavera e o nascimento. A ressurreição, então, seria a arrogância de renascer em detrimento de outras vidas, de se intrometer nas gerações futuras. O mundo já está superlotado de homo-deuses; para sobreviver, o Planeta Terra precisa que ocorram muitas mortes definitivas, para dar espaço a novas existências.

Quero viver plenamente o meu agora com o máximo senso de realidade: essa consciência de que sou único, limitado e efêmero.

08.09.2020 11:19

COMPETITIVIDADE E AUTOPRESERVAÇÃO

Iniciamos a vida como minúsculo zigoto, microscópico grão de vida que lutará pela sobrevivência. Se passarmos da fase embrionária, seremos feto, com maiores chances de passar pelo parto e de ganhar um nome.

Da proteção no útero, o bebê sai para a luz e para o vento. Nem sempre terá o abrigo de uma família. Na infância, expande a rede de relações; na adolescência, amplia o grupo de amigos e se prepara para exercer uma profissão, pela qual busca conquistar espaços na fase adulta; se expõe a experiências, constrói autossuficiência e pode alcançar a autonomia.

A simplicidade, a humildade e o equilíbrio podem contribuir para a saúde física e mental. Exageros, alimentação inadequada, trabalho extenuante, batalhas inglórias e intempéries podem acelerar o desgaste natural.

Cada um tem seu tempo de vida útil. Alguns são condenados a esperar enfermos pelo descanso eterno.

Ao considerarmos suficiente o habitat conquistado, procuramos manter o domínio e selecionar ideias e amigos, delimitando espaços ao alcance da mão.

Abrimos a mente para colher informações, testamos limites e, no auge da vitalidade, começamos a podar as ilusões que pesarem desconfortos. Então, iniciamos o processo de enxugamento, eliminando gradativamente os supérfluos.

Durante a infância, a juventude e a idade adulta, competimos por espaços; os vencedores dominam. Porém, aos poucos, todos perdem a vitalidade e, finalmente, a vida.

Na velhice, cada um de nós ressignifica experiências, reduz o círculo de amizades, para estar mais consigo mesmo. Para morrer, necessitará apenas de si.

CASAMENTO PERCENTUAL

Alice é 100% solteira? Pedro está 100% casado?
Cristina pode ser 75% viúva? As separações
conjugais podem ultrapassar o 100%? Ex-cônjuges
que se odeiam podem estar separados 202%?
Alguém pode estar minimamente casado? É horrível
ser filho de pais solteiros? Os traidores traem o quê?
Um homem apaixonado ama sua esposa? É possível
estar completamente apaixonada sem jamais ficar
casada?"

Em que proporção eu estou casado? Em que
proporção você está separada? Em que medida
somos felizes? Beatriz pode ser aparentemente feliz?
Ou feliz só nas aparências? Ou feliz só para aparecer?
Fazemos de conta que estamos casados? Ou nosso
casamento é um faz-de-conta? Quais os elementos
fundamentais do amor? É possível pesar a
intensidade do amor?

Se o casamento for totalidade de sentimentos
complementares ou recíprocos, a partir de que
percentual sentimental poderemos nos considerar
casados? Um casamento pode ser total ou, por mais
que nos esforcemos, sempre será uma união parcial?
Com mais de 90% ou podemos chegar a 98%?
Quanto, infinitamente e decrescentemente, ainda
restará para alcançar a totalidade?

Quantas dimensões pode ter um casamento? É possível estabelecer categorias casamentais? Vamos fazer um exercício de categorização? Quais os aspectos sexuais de um casamento? Quais os critérios para indicar as medidas mínimas de carícias, de carinhos e de ternuras? Como medir os eventos sexuais de um casamento? Um casal pode ser feliz sem praticar atividades sexuais? Qual o regime anual de relações sexuais? Prazer a dois? Ou cada um visita o seu motel? Ou, juntos, preferem celebrar os momentos íntimos em motéis?

Cada um tem seu lazer? Quais as diversões e os entretenimentos que partilham? Cada um tem sua praia, seus passeios e suas viagens? Nadam juntos? Ou, separados, na mesma piscina, na mesma lagoa, no mesmo rio? Viajam juntos? Riem juntos e choram em comunhão?

Mantemos contabilidades individuais? Ou nada contabilizamos? Temos um orçamento participativo? Dividimos as despesas? Ou só acumulamos prejuízos? E os lucros? Será fácil tabular os dados financeiros das participações societárias conjugais?

Documentos garantem casamentos? Quais? Qualquer vínculo conjugal? É possível se sentir casado sem ‘documento passado’? Ou estar casados só no papel? Ser casada pressupõe gerar filhos? É permitida a geração independente? O que garante um casamento é a existência contínua de filhos por criar? Os filhos unem ou separam os pais? Quem sabe netos, bisnetos e tataranetos?

Casais que residem no mesmo endereço estão casados 100%? Ou cada um tem seu chuveiro, seu fogão e seu quarto? Ou, no mesmo quarto, em camas separadas? Preparam as refeições em conjunto ou cada um se vira como pode? Ou cada qual vai a seu restaurante?

Banho a dois? Ou privacidade total? Cada qual com sua banheira? A toalha de rosto é usada pelo casal? Ou cada um seca o rosto e as mãos com pano próprio? Cada um tem o seu tubo de creme dental? Mesmo que seja da mesma marca?

E a roupa? Cada qual lava a sua? Ou cada qual tem sua lavanderia e sua máquina de lavar roupas? Se o cônjuge estiver no trabalho e a chuva ameaçar, o outro recolhe as vestes secas que estão estendidas nos varais? Ou os dois fingem não ver, nem a roupa nem a chuva?

Vocês usam o mesmo aparelho de telefone? O mesmo celular? O mesmo endereço na Internet? O mesmo WhatsApp? Cada um tem o seu aparelho de TV, com senha encriptada?

Cada um tem seu automóvel? Cada qual tem dois ou três? Em garagens separadas? Pedalam na mesma bicicleta? Ou os dois andam a pé e utilizam o transporte coletivo?

Cada um tem sua religião e respeita a opção do outro? Ou os dois rezam na mesma fé? Ou os dois se atacam religiosamente? Quantos deuses cada um criou? Para quantos deles cada um reza? Ao divino

Sexo? Ao divino Sucesso? Ao divino Poder? Ao divino Dinheiro? Ao divino Capital? Ou praticam egolatria?

O espectro casamental abrange que categorias? Sexual, sentimental, financeira, residencial, religiosa, profissional, ...? Qual a participação de cada uma dessas categorias no mapa casamental?

Qual o percentual de envolvimento de cada um?

PARA VIVER O CASAMENTO

Desejamos a vocês contínuos exercícios de diálogo, eficientes gestões de conflitos e sinceros gestos de tolerância.

Casamento é construção contínua de um lar, com o aproveitamento de dificuldades, de frustrações, de sonhos comuns ou individuais, de pequenas alegrias, de confiança recíproca e de admiração mútua.

A qualidade dos lares depende da dosagem equilibrada desses ingredientes, da correta execução dos ‘modos de fazer’, da comemoração de pequenos ou grandes sucessos em refeições sem pressa e do gozo compartilhado de prazeres olfativos, visuais, auditivos, gustativos e táteis.

O poder é um ladrão que ronda as relações humanas, com possibilidade de provocar competitividades destrutivas. No entanto, o mais difícil e o mais importante é vencermos a nós mesmos: o nosso egoísmo, a nossa miopia, a nossa avareza, a nossa impaciência, a nossa vaidade, a nossa cobiça, ...

Casamentos são oportunidades de aprender, de nos disciplinar, de conhecer a nós mesmos e de conhecer o outro, de eliminar vícios e manias e de desenvolver atitudes e hábitos que façam das pessoas seres dignos da vida.

MENSAGEM PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO

A grande família está reunida para celebrar o projeto de convivência da Cecília, do Gilvan, da Helena e do Thales, apresentados em ordem alfabética.

Depois de passarem, durante dois anos, por aproximações curiosas, estudos mútuos, ensaios cuidadosos, vários testes, algumas decepções e muitos momentos prazerosos no aconchego do lar, os quatro querem prolongar e aprofundar essas experiências familiares.

Acompanhamos a evolução do casal e das crianças, desde o momento que chegaram até nós as informações dos encontros e dos reencontros, inicialmente furtivos, gradualmente divulgados e, finalmente, tornados efusivamente públicos.

Nos primeiros contatos, as individualidades construídas em relacionamentos passados ainda defendiam suas idiossincrasias, procurando garantir espaços e poderes. Entretanto, após breves exercícios de tolerância, perceberam a vontade recíproca de cooperar no projeto comum de um lar compartilhado.

Logo, se destacou a compatibilidade entre Cecília e Gilvan, seja nas rotinas diárias, nos hábitos

alimentares ou ideias sobre educação; principalmente, sobre os valores morais e a importância do estudo para as crianças. Além da compatibilidade na maioria dos aspectos, o casal se beneficia das habilidades complementares.

O relacionamento em família se caracteriza pela simplicidade, pelo carinho e pelo cuidado de cada um pelos demais, gozando, assim, de uma fluidez leve e aconchegante. A alegria ao prepararem uma refeição a quatro, o carinho para com os animais, o prazer de cultivar as plantas, os passeios, ...

Todos concordam que o planejamento seja dinâmico, sujeito a simplificações de tempos em tempos e a inovações diárias. E que os vínculos tenham uma família em permanente busca de relações afetivas, desejadas e aceitas, criativas e construtivas, sem que as pessoas exerçam papéis jurídicos ou psicológicos.

Os amigos continuarão disponíveis para colaborar na construção desse lar, que se manterá admirável enquanto todos praticarem a humildade, contribuindo com ideias e opiniões para os trabalhos intelectuais e/ou manuais dessa família que oficializa a intenção de conviver em harmonia, respeitando passados e compondo futuros, com alegrias individuais ou coletivas (como as de hoje), com rotinas cada vez mais aprimoradas, com dificuldades eventuais a serem vencidas e com desafios intencionais.

A maturidade colaborou para que o casal valorizasse um ao outro, aceitando as diferenças do cônjuge, nem sempre disponível, e propondo a educação dos filhos de comum acordo.

Essa relação calorosa e carinhosa celebra o amor todos os dias, como forma de estar no mundo, valorizando as virtudes individuais e respeitando limites pessoais, entre seres humanos que dividem tarefas e compartilham espaços, sentimentos e projeto de vida.

Em cooperação consciente e sem ficar à espera de um tempo-paraíso em um lugar-paraíso, sempre poderão superar as diferenças e as dificuldades.

CARTA A UM SEPARANDO

Toda informação que recebemos é processada segundo nossa matriz de conhecimentos sobre aquele assunto. Assim, se alguém falar: "O preço da farinha de mandioca está em queda.", cada ouvinte assimila de forma diversa a notícia.

Por exemplo, os plantadores experientes e que já suportaram prejuízos ficarão aflitos pensando em como saldar os financiamentos e pagar os altos juros bancários. Os plantadores de primeira safra talvez dirão: "É só uma queda momentânea..."

Do outro lado, estão os consumidores que ficarão felizes. Pode que até quem não comprava agora o faça para aproveitar o preço.

Por último, estão os que nem plantam, nem comercializam e nem consomem farinha de mandioca. Para esses, a informação é lixo cultural.

Genericamente, é dessa forma que procedemos diante de informações.

Só se separa quem está casado. Óbvio. Óbvio, também, que informações e notícias sobre separações, desquites e divórcios despertam mais atenção dos cônjuges que vivem situações

conflituosas ou estejam interessados em outra pessoa, que consideram melhor companhia.

As crianças, os solteiros e os celibatários pouco interesse têm em orientações sobre desafios conjugais, tais como, convivência mútua, divisão de tarefas, educação dos filhos, planejamento financeiro compartilhado, desenvolvimento de relações de poder, desgaste de relações afetivas e declínio do interesse sexual.

Os casados (não importa por qual padrão social) comparam as informações com a própria experiência conjugal, sem, no entanto, conseguir avaliar o custo de uma separação. Só os "separados" conhecem o processo ou os processos de ruptura de um ou mais casamentos. Eles é que entendem e conseguem projetar possíveis desmembramentos ou podem ajudar quem está se separando.

Soube que as músicas "dos velhos" passaram a fazer sentido pra ti. De fato, quando somos jovens, a vida é uma página por escrever e nela pensamos escrever, desenhar e pintar todos os nossos sonhos. No entanto, não somos os únicos a escrever na nossa folha em branco; outros escrevem nela e nós também escrevemos nas dos outros. Assim, a página da vida acaba rasurada, apagada e reescrita, riscada, rabiscada, ... E, aquela página que imaginávamos perfeita, acaba uma "colcha de retalhos".

Essas diferenças aparecem estampadas nas poesias e nas letras de música. Os jovens bem jovens escrevem

e cantam sobre um mundo ideal, uma vida ideal. Aos vinte anos, já afinam a visão-de-mundo deles pelo senso de realidade. Estudar, trabalhar, bater o carro, namorar, casar, perder a casa onde moram e viver o fim de um relacionamento são experiências projetadas em poemas e letras de música. Os versos expressam experiências de vida de autores e de cantores. E os separados e os separandos acabam se identificando com alguns deles.

A vida sabe bem mais do que nós e nos proporciona novas experiências - às vezes, dolorosas - para que possamos aprender e crescer.

Ninguém tem culpa nas separações: elas apenas vão se formando do nada, como tempestades. Muitas tempestades nascem e crescem na calma das tardes de verão. Algumas anunciadas, outras imprevisíveis. Durante a tempestade, parece que o mundo vai acabar, no entanto, as tempestades passam e o mundo continua. A tua está passando.

Como diz o ditado: "Depois da tempestade, vem a bonança." E parece ser verdade, que o digam o Japão, a Alemanha e a França destruídos pela guerra. Hoje, são potências mundiais. A Inglaterra, que nunca foi arrasada, continua a louvar sua rainha... Quem nunca foi derrotado não sabe vencer.

Durante o doloroso e desgastante processo de separação conjugal, a tendência da gente é agredir, revidar, reagir, ... Isso é natural, porque precisamos fazer alguma coisa com o que fizeram conosco.

Felizmente, com o tempo abandonamos as re-ações e passamos para as ações.

Agradeço aos que me orientaram e me deram força para romper um casamento já sem objetivos em comum. Hoje, com um pouco de experiência, já me sinto mais livre, mais soberano de meus atos, melhor preparado para casar e para descasar. Sem ódios, sem frustrações, sem vinganças, ... com naturalidade. Se é que estou preparado para isso...

OPINIÃO DE ESPECIALISTA

Todos nós temos opiniões. Os especialistas têm muito mais. E mais imponentes. Basta analisar as opiniões de juízes, de médicos e de vendedores. Para navegar a salvo desses impositores, precisamos ouvir e analisar com discernimento, sem sucumbir a argumentos cristalizados.

Como pretendo escritor, sei que exagero na insistência de que todos devem escrever, pois, me sinto vivendo plenamente a era da experiência e dos sentimentos. Acredito que ser espontâneo, comunicativo e autor da própria história possa contribuir para que todos vivam melhor.

Sei que a tecnologia quer me livrar das tarefas repetitivas e/ou cansativas, como controlar as etapas da lavagem de roupas na máquina, empurrar o cortador de grama, recolher as folhas caídas ou dirigir o automóvel.

Se, por um lado, isso pode me livrar dos encargos, por outro lado, posso ficar à mercê das ‘inteligências artificiais’. Todas as máquinas de lavar roupas disponíveis no mercado são ‘completas’, para ‘facilitar’ nosso trabalho. São todas inteligentes e automáticas.

Nós não usamos alvejantes, amaciantes e perfumantes. Entretanto, a máquina está programada para direcionar jatos d'água, na quantia e na velocidade projetada pelos especialistas, para os diferentes recipientes onde deveríamos depositar os produtos químicos. No nosso caso, só perda de tempo e exercício de paciência. Todos os dias... até a maldita máquina inteligente parar de vez... e comprarmos outra ainda mais inteligente que essa, que mude também a hora do computador da máquina para o horário de verão, que nem foi promulgado neste ano. Viramos escravos da máquina de lavar roupas; impedidos de lavar roupas do nosso jeito. Além do que, nossa máquina inteligente não informa em qual etapa se acha o processo de lavagem. Isso tudo, para 'nos ajudar'.

Os nutricionistas, os médicos e os psiquiatras condicionam o restabelecimento de nossa saúde a uma infinidade de exames laboratoriais, os advogados nos submetem à burocracia sufocante e os vendedores querem nos cobrir com negras liquidações. Com a autoridade de especialistas...

A maioria dos pais entrega os filhos às inteligências artificiais, para que suas mentes sejam robotizadas. Alguns pais são 'especialistas' e impõem aos filhos as verdades ancestrais. Muitos pais dialogam com os filhos e interagem como seres sensíveis que têm mais experiência que os jovens. Pais e filhos podem pensar de forma diversa e até divergentes.

Sei que penso diferente que meus filhos e que eles têm opiniões mais diferentes ainda. Se perguntarem sobre minhas opiniões, serei solícito. No entanto, permito que façam suas escolhas. Dentre elas, lacrar todos os canais de comunicação.

Sou pai natural, genérico; sem especialização em paternidade.

DO POÇO PARA A VIDA

Alguém, por descuido, caiu num poço. Por sorte, havia um metro de água e o fundo era firme. A água amainou o impacto contra o solo, sem, entretanto, afogar a pessoa.

Passado o momento do susto e o tempo de apalpar os ossos à procura de contusões, a água, que evitara fraturas, passou a ser desconforto. Urgia sair do buraco.

Pensou gritar, pedir socorro... Lembrou, então, que ninguém ouviria seus brados e que só se cansaria. Tentou usar as garras – se agarrar nas paredes verticais – para subir como um gato... Porém, a ação gravitacional maior impedia, até mesmo, de tirar os pés do chão.

Depois de sentir as pernas gelando dentro da água, tomou consciência de que precisava agir, enquanto ainda tivesse forças... Com os braços abertos e as mãos espalmadas contra uma lateral, foi empurrando com os pés a parede contrária e percebeu que, com bastante esforço, poderia ir subindo, passo a passo, na difícil escalada. Calcava um pé um pouco acima; depois, o outro. Com os pés fixos naquele lado, movia as mãos contra a parede em frente, uma de cada vez, em direção à saída.

Escorregou algumas vezes, devido a água que escorria pelas pernas e enlameava a base. Recomeçou, na esperança de que suportasse o esforço. Assim, com determinação, foi alternando os passos dos pés, sempre mantendo a necessária tensão das mãos que caminhavam no arrimo fronteiro. Às vezes, vacilava, quase caía. Descansava por uns minutos e recomeçava a subida.

Finalmente, com as mãos doloridas, conseguiu agarrar as bordas do poço. Sentindo as mãos firmes na mureta, soltou o corpo extenuado. Descansou as pernas por instantes. E, reunindo o que restava das forças, se ergueu, saiu e se estirou no chão seco.

Permaneceu deitado, quieto, sem se mexer. Cochilou na fronteira entre a vigília e o sono. Nas divagações ou nos sonhos, comemorou ter salvo a própria vida, arriscada ingenuamente, por curiosidade impensada.

Passada a enxurrada de emoções, começou a lembrar de ter lido algo sobre os fios que nos prendem à vida: nossos afetos, nossas relações pessoais. Lembrou que o autor era psicólogo e alertava do risco de se ter um único vínculo (fio único que nos une à Humanidade) ou um feixe de vínculos (todos os fios que nos prendem à vida ancorados no mesmo ponto). Nessas situações, a perda da única referência afetiva pode nos deixar à deriva, à mercê da insegurança e da solidão.

No poço e na vida, a diversidade de apoios pode ser nossa salvação e segurança social.

dEUS salve o rEI

Minha postura é indigna? Seria uma questão política?
Eu deveria salvar a Nação?

Não. Não contem comigo para salvar a Pátria, o Rei,
os ministros, os cortesões, os sábios, as concubinas,
os sacerdotes, os conselheiros, os pajés, ...

Estarei na plateia, rindo dos ridículos governantes.

Peço que me contestem nas divergências... mas... não
vale a pena nos indispor por questões políticas.

Vivi sob a égide de uns quinze presidentes, outros
tantos governadores e mais prefeitos (não,
perfeitos). Pouco tempo perdi “salvando o mundo”.
Todavia, foi tempo perdido.

Governos são como o clima, as estações, as eras, ...
Reclamo deles, ironizo seus feitos e efeitos, porém,
me adapto às eternas mudanças... que sempre se
repetem.

E eu... procuro não me repetir; vivo ao alcance da
minha aura... uma única vida.

DEUS, UM DELÍRIO... COLETIVO.

Eu tenho opinião diferente das opiniões do Richard Dawkins e do Gilvas.

<https://mail.google.com/mail/u/0/h/1k1ikw0z3w40a/?&th=16787f1e759d0133&v=c>

Deus existe. Sempre um deus coletivo; nunca ouvi falar em deuses individuais; um deus para si mesmo.

Existem muitos ‘de eus’; milhares ‘de eus’. Cada vez que algumas dezenas de pessoas se congregam e se concretam numa ‘verdade’, cada vez que algumas dezenas de eus se sentem irresistivelmente atraídos por uma ideia, esse pensamento se torna ‘ideia fixa’ sobre espiritualidade, etnia, identidade de gênero, medo da morte, martírio, futebol, política, penitência, finanças, economia, estrelas, animais, nacionalismo ou liberdade utópica.

A comunidade adepta constrói um coletivo ‘de eus’ que passa a comandar as subjetividades; pessoas que acreditam em horóscopos, superstições, magias, bruxarias, simpatias, benzeduras, mau-olhado, sucesso, destino, riqueza e compensação celestial.

Para que uma ideia fixa ou uma crença se torne religião, basta que sejam eleitos guardiões. “Muitos são os chamados; poucos, os escolhidos.” O guardião

tem a missão de guardar a verdade que foi divinizada, de proteger os crentes que, ao acreditarem cegamente, perdem o senso de realidade, de fiscalizar o cumprimento integral das obrigações dos fiéis seguidores e de administrar os tabernáculos que guardam almas e segredos. Daí a existência de confessionários...

Tudo o que for sagrado deve estar protegido em sacrários. Surgem os templos para abrigar as 'riquezas espirituais' e um guardião dos guardiões para organizar a estrutura da igreja; uma hierarquia de guardiões.

Assim, nascem as religiões: na contínua e cada vez mais intensa convicção da verdade tornada absoluta para pessoas que se prendem indissolavelmente a um agregado 'de eus'; pessoas que, guiadas por um salvador, se ligam, se religam e se sustentam em procissão rumo ao paraíso e/ou ao lucro prometidos.

Pode ser que seja apenas um processo natural, como os processos físico-químicos fundamentais. Quando alguns (ou muitos) elétrons são atraídos irresistivelmente por um núcleo formado por prótons e nêutrons, passam a formar um átomo; quando um ou vários átomos se unem permanentemente uns aos outros, formam moléculas; o aglomerado de moléculas forma matérias, corpos, ligas, artefatos, ... reconhecidos internacionalmente.

Nas Ciências Sociais, as ideias se estruturam em conceitos, teses, sínteses, definições, teorias, doutrinas, ... Os cientistas são guardiões das verdades científicas; nesse sentido, os cientistas são os sacerdotes da Ciência.

“É mais fácil desintegrar um átomo que remover um hábito.” Albert Einstein

E que diluir uma crença.

Porém, as instituições – como o dinheiro, por exemplo – só existem enquanto acreditamos nelas.

Notas:

1. *A Bíblia foi a primeira enciclopédia europeia da Humanidade, contendo tudo o que havia sido manuscrito, os textos eruditos, e o que se conseguiu reunir da tradição oral e da sabedoria popular.*
2. *De fato, temos imensa dificuldade de assumirmos nossos ceticismos.*

FIGURANTES POLÍTICOS

Em 1988, foi promulgada a Constituição Cidadã do Brasil, assim denominada por apresentar avanços significativos nos direitos civis, individuais e sociais. Dentre eles, o direito de participar de conselhos de políticas públicas em que seriam analisados e debatidos projetos e ações dos governos municipais, estaduais e federais.

Os conselhos sociais deveriam ser espaços democráticos em que representantes das comunidades pudessem propor obras de interesse coletivo, fiscalizar gastos públicos e vetar abusos dos governantes. Porém, exceto os conselheiros tutelares (que recebem salários para executar funções administrativas, judiciais e/ou policiais), os conselheiros são meros fantoches preenchendo vagas em colegiados constituídos apenas para cumprir formalidades legais para garantir verbas para os setores da Saúde, da Assistência Social, ... Conselheiros ‘pegos a laço’ ou indicados pelos chefes políticos; conselhos deliberativos constituídos e acionados somente para preencher exigências burocráticas.

Participei de conselhos nas áreas de Cultura, de Educação e de Saúde. Profunda decepção. Muita encenação para colher assinaturas de títeres nas atas

que preenchidas antecipadamente. No máximo, as autoridades liam ou falavam algo sobre os assuntos previamente deliberados pelas ‘esferas superiores’; nenhum espaço para reivindicações populares. Os conselheiros deveriam se resignar a ouvir explanações e a assinar atas pré-formatadas.

A criação e as ações efetivas de estâncias deliberativas a partir da base social poderiam contribuir para a melhoria do bem-estar da população, aliviar os quadros do funcionalismo público e reduzir os gastos governamentais. Entretanto, existe um abismo entre as comunidades de bairro e o primeiro degrau da hierarquia deliberativa oficial.

Vez em quando, aparecem divulgações de eventos com ‘vereadores mirins’ ou ‘deputados mirins’; ainda não li ou ouvi a expressão ‘senadores mirins’. Oferecem espaço a quem não tem poder; oferecem passeios para as crianças. Nunca são convidadas pessoas críticas que possam dizer umas verdades aos parlamentares; sempre crianças alegres, faceiras e ingênuas. Se os adultos tivessem oportunidade de avaliar e de afastar os maus legisladores, possivelmente, haveria menos gastos e melhores leis.

A ‘Defesa Civil’ é órgão de governo responsável pela proteção da população, que se mantém alheia, delegando a estâncias superiores a prevenção e os

socorros pós-acidentes naturais. A quem serve a Defesa Civil: aos detentores de poder ou ao povo? Como se consolidou o alheamento e a omissão dos cidadãos? Com o distanciamento das esferas de governo da efetiva participação popular? Por que as pessoas negligenciam os cuidados básicos e aguardam passivamente que os políticos resolvam tudo? A Defesa Civil desenvolve seus próprios poderes institucionais: manipulam verbas, recebem altos salários e entram as ações de auxílio.

Procuró retirar o lixo da boca dos bueiros e abrir as valetas que margeiam a estrada. Pago alto preço por isso... É proibido. Os funcionários da Prefeitura estão atentos a quem ‘mexe na estrada’. Não fazem, nem deixam fazer. Preservam apenas o direito de exclusividade sobre a via pública, o que garante às autoridades mais poder e bons salários.

No Brasil, a Justiça é uma esfera governamental de poder que detecta e pune as violações das normas estatais; os delitos, as análises e as penas são propriedades do governo. Decreta que os cidadãos são incompetentes para se reconciliarem e para reconstruírem a harmonia nas relações interpessoais. Se nós dois nos descuidarmos, dirigirmos mal e amassarmos os para-lamas dos nossos automóveis um contra o outro, quem tomará conta do caso será a Justiça. Ela vai julgar, punir e cobrar os prejuízos, mesmo que eles sejam nossos.

E a (In)Justiça joga nos dois times: mantém equipes para acusar e para defender os infratores. Os promotores da Justiça promovem justiça? E os defensores públicos defendem o povo? Estranho!!! Seria como um clube que mantivesse todas as equipes do campeonato. Ao Judiciário, não basta ganhar dinheiro acusando e julgando os infratores; quer (e ganha) dinheiro também defendendo os 'pobres'. Ou seja, os ricos podem pagar pela justiça; toda população paga compulsoriamente por aqueles 'que não podem pagar'.

São muitas instituições públicas (entidades???) e muitos os beneficiados com os cargos públicos.

São muitas e variadas as fôrmas... preenchidas com a mesma massa. Mudam os formatos, as estruturas e as dimensões dos colegiados... compostos por pessoas atreladas aos mesmos mandatários, com características semelhantes e com vantagens recíprocas.

A IMAGEM E A ESTÁTUA

O cérebro, através de processos sensitivos, registra na memória imagens (construções mentais de objetos e de acontecimentos), analisadas pela razão ou aceitas “de maneira irrefletida pela consciência imediata” [Houaiss]. Em geral, as imagens revelam o quanto e o como percebemos a realidade objetiva.

O vocábulo ‘imagem’ descende de ‘imago’, do Latim, imitar. No caso, imitar as características de algum objeto ou fenômeno. Objeto como ação do sujeito pensante; parte do predicado, um atributo, fruto da intuição e da imaginação, formatado de acordo com as categorias do intelecto.

Talvez, por se sentirem inseguros, alguns constroem ou mandam esculpir estátuas das imagens que temem possam fugir da memória deles. Ou, ao menos, registram as imagens em fotografias. Assim, toda vez que esquecerem ou forem tentados a mudar a imagem que formaram de uma pessoa, de um sentimento ou de um fato, eles podem olhar para as fotografias e/ou para as estátuas correspondentes e voltarem a sentir ‘que nada mudou’, que eles continuam os mesmos, como continuam inalteradas as fotografias e as estátuas que erigiram.

Platão, em Alegoria da Caverna, analisa como que pessoas presas a imagens ilusórias acreditam conhecer a realidade. Conhecimento ingênuo, frágil diante de análises críticas. E nos força a concluir: “O sábio, depois de desenvolver o conhecimento verdadeiro, sabe apreender, sob a aparência das coisas, a *ideia* das coisas.”

O ídolo, eleito por seus admiradores, pode rejeitar as imagens que dele fazem, aceitar opiniões alheias ou cultivar a veneração para si mesmo. O cultivo do fascínio pode gerar encantamento e se consolidar em mito.

Muitas vezes, grupos humanos constroem ídolos e se entregam à idolatria. Veneram pessoas e coisas com a convicção de que são sublimes, quase divinas.

Às vezes, nem a morte rompe a quimera. Ao contrário até, pode ampliar e prolongar cultos, gerando mitos, religiões, ...

BATATAS DA ECONOMIA

Se nossos corpos e nossas necessidades vitais são semelhantes, todos nós podemos sobreviver com uma renda mínima (salário mínimo, renda geral, ...), como recompensa de esforços medianos e de responsabilidades normais assumidas em comum.

Para aqueles que pretendessem algo mais, duas rendas; para os dispostos a se exporem com prejuízo da privacidade, três rendas; sendo que o que carregasse o presidente da Nação receberia quatro rendas ‘mínimas’.

As quatro faixas salariais seriam reajustadas pelo mesmo índice e no mesmo dia, mantendo a regra básica da proporcionalidade de um para quatro.

A concentração de riquezas (financeiras e/ou econômicas) resulta das profundas desigualdades salariais ou de renda.

Meu modelo econômico é bem simples. Se preciso de duas batatas para sobreviver e estou com três ou mais, coloco uma delas, ou mais, à disposição da comunidade. Se jamais depender dessas ‘poupanças’, fica por isso mesmo, pois, seria estoque oneroso. Se um dia, faltar batatas no meu prato, tomo emprestadas batatas da comunidade.

Nessa minha teoria econômica, seria um contrassenso ridículo estocar batatas para os filhos, para os netos e para os bisnetos se alimentarem no futuro. Na teoria monetária, a taxaço sobre heranças seria uma forma de reduzir o acúmulo de riquezas e a formação de feudos monetários.

O ágio gera a concentração econômico-financeira. Quem tem duas batatas sobrando, coloca as batatas ‘a juros’ e sai com três batatas. Acumula batatas em excesso, para muito além das necessidades dele. E, quanto mais batata acumula, mais juros (batatas) ganha. A tragédia do modelo capitalista está nessa competição nociva para os dois extremos: ricos e pobres, exploradores e explorados.

Tenho convicção de que ser rico é bem pior que ser pobre. É muito mais problemático. Para o pobre, o pouco já resolve; para o rico, nem o muito satisfaz.

QUEM MANDA?

— Quem manda?

— Manda quem paga.

— Ué! Os políticos mandam e ainda ganham um bom dinheiro...

— Verdade. E existem outras situações semelhantes.

— Mas, vamos analisar na prática. O dono da oficina mecânica é que decide quando e o que fazer no teu carro? Ou é você que procura a oficina, negocia os preços, encomenda os serviços e, estando de acordo, manda fazer?

— Sim. Eu mando arrumar o carro... E, se o serviço for feito conforme foi combinado, eu pago.

— Se você vai à barbearia, quem é que decide o que fazer? Você ou o barbeiro?

— Eu é que digo: Apare a juba. Corte mais ali, menos aqui. Depois, se eu quiser, ainda mando aparar a barba.

— E sai sem pagar?

— Não. Pago certinho. Já sei o preço...

— Mas quem decidiu o que fazer?

— Eu, é claro.

— Você mesmo constrói a tua casa ou paga alguém pra construir?

— Faço alguns remendos... Mas, a casa toda, não faço. Contrato um construtor.

— E o construtor faz o que bem quiser?

— Não. Só faz o que eu quero. Mando fazer de alvenaria ou de madeira, com laje ou sem laje, do tamanho que quero, com telhado p'um lado ou p'ro outro, ...

— E paga a mão-de-obra e os materiais de construção?

— Claro. Mandeí fazer. Por isso, devo pagar.

— Quando você vai ao dentista?

— Vou quando preciso arrumar algum dente.

— Você é que indica o dente ou os dentes a serem tratados?

— Sim. Eu é que digo qual o dente. E só faço o tanto que tiver dinheiro pra pagar.

— E quando vai ao médico?

— Bem. No médico, é bem diferente. Lá não adianta falar nada. Lá, são eles que sabem...

— Ou seja: o médico é que decide o que fazer?

— Sim. Ele é doutor. Eu sô meio analfabeto...

— Então, ele faz o que quer e manda o que fazer?

— É.

— No fim, você paga a conta?

— Conta pesada. Muito dinheiro... muito exame...

— Então, ele manda e você é quem paga?

— Pois é. É a vida...

TUMOR DE COLÍRIO

Matusalém Vitalino estendia a vida com os medicamentos guardados nas caixas em que vieram acondicionados o último par de sapatos e as botinas para os invernos. Complementava o tratamento com a ingestão de uma jarra de água-benta, acompanhada de rezas rotineiras.

Dentre os medicamentos receitados ‘para o resto da vida’, estava um colírio que manteria a saúde dos olhos, ‘desde que não interrompesse o tratamento’. Inicialmente, o diagnóstico foi ‘glaucoma progressivo’. Com o passar dos anos, o clínico acrescentou uma catarata reversível, pois o implante de lentes artificiais renderia bem mais que os dividendos distribuídos pela indústria farmacêutica.

A chance de o cirurgião ganhar a bolada de dinheiro dilui-se na visão nítida dos ponteiros do relógio marcando os segundos e das baratas e das formigas que o ‘quase-cego’ via andarem pelo assoalho da mesma cor que os semoventes.

Ao médico, restava a fonte de renda auferida com a indicação de venda do colírio e a possibilidade de tratar os efeitos colaterais da medicação.

Demorou um pouco, mas o colírio, apodrecido durante anos nas covas oculares, começou a

aparecer por debaixo da pele das pálpebras. Inicialmente, formou pequenas bolotas, identificadas pelo médico como ‘verrugas’ a serem cauterizadas.

As cauterizações rendiam mais que os percentuais recebidos na participação das vendas de medicamentos e contribuíam substancialmente para a manutenção da clínica e dos clínicos. Bastava prescrever as doses e as substituições dos quimioterápicos por similares de outras marcas ainda não beneficiadas com a doença cultivada.

Tudo ia muito bem, não fosse aparecer alguém com disposição para ler as bulas e identificar os efeitos colaterais que se manifestavam progressivamente ao redor dos olhos do candidato à eternidade.

Esse alguém agiu em silêncio, trocando o conteúdo do frasco do colírio por soro fisiológico, que continuou a ser administrado com a regularidade costumeira. Os resultados logo apareceram. Os edemas diminuíram em número e tamanho. Em um mês, o ‘câncer’ sumiu, secando as fontes de renda médica.

Então, os louros (e os lucros) migraram para a Igreja, pois “o paciente passou a acreditar que curou as feridas com muita água-benta e orações” diante da televisão com som em alto volume. Bem-vindos os dízimos de quem sofre!

Muitos médicos e todos os sacerdotes cultivam a fé de seus pacientes fiéis com ferramentas de mídia e

adubos espirituais. Constroem suas lavouras e searas nas mentes ingênuas dos que alimentam esperanças de vida eterna. Para 'fazer o bem', cobram dízimos bem mais onerosos que a décima parte dos proventos de aposentadoria. A família complementa a dieta medicamentosa com contribuições financeiras e assistências enfermáticas.

CÂNCER EM MAMA

Comandantes de instituições religiosas criam interdições (muitas vezes, incomprensíveis), que colocam névoas intelectuais entre as pessoas, dificultando a comunicação e criando o obscurantismo. Somos vítimas, “... *seres humanos sacrificados a uma divindade ou em algum rito sagrado.*”¹ Vivemos sob os constrangimentos morais dos “bons costumes” decorrentes de estratégias de dominação dos humildes por líderes ‘bondosos’, espertos e prepotentes.

Os dogmas e os mitos descrevem eventos metafísicos, criados por discursos da classe dominante e perpetuados pela oralidade plebeia ágrafa e subservil. As elites governantes inventam categorias sobrenaturais para justificar as transgressões às regras morais usadas para subjugar os súditos. Ou seja, controlam o povo com normas que se permitem burlar para dar plena vazão à corrupção, à devassidão, à libertinagem, à perversão e à exploração de seus semelhantes, como escravos ou fregueses de “*determinada paróquia ou freguesia*”¹.

Os semideuses da mitologia grega (satiros) e romana (faunos), como os demais semideuses em todos os impérios, leigos ou religiosos, permitiam a si o que proibiam aos comandados. Homens com cabeça de bode (que pensavam como um bode de alta potência sexual) que se permitiam a si mesmos (apenas a si

mesmos...) dispensar o bom senso e, sem escrúpulos, liberar os instintos animais para praticar vícios e abusos.

A dominação masculina começa ao anexar as mulheres pela linguagem: a palavra ‘homens’ designando mulheres e homens, as fêmeas e os machos da espécie *Homo Sapiens*. Mitos e regras impostas por homens (masculinos, não-femininos) que, em casos extremos, transformam meninas, moças e mulheres em animais domésticos. O machismo permeia a cultura colonial europeia. (Desconheço os comportamentos de gênero nas demais culturas. E, como não conheci e nem convivi com sociedades matriarcais, fico curioso sobre os comportamentos do femealismo.)

Os tabus influenciam os costumes e, também, a linguagem. O uso de eufemismos e de jargões camufla a realidade objetiva (*camuflar = disfarçar, enganar*), gerando escrúpulos infundados, inquietação mental, subserviência, constrangimento e interdição cultural ou religiosa. A hipocrisia imposta pela língua condena, por tabuísmo, palavras comuns, triviais e vulgares. Ou seja, demonializa objetos naturais e ações corriqueiras do nosso cotidiano.

Podemos tomar como exemplo o generalizado uso da expressão “câncer de mama”.

O tabu exige que, ao falarmos de mamas, usemos o ‘bom senso’, eufemismos, palavras não interditas pela MORAL: ‘peito’ ou ‘seio’. “Deu o peito ao bebê.” “Tem o peito pequeno.” “Estava com o seio à mostra.” “Machucou o seio.”

Em anatomia, identificamos ‘peito’ como “*porção anterior ou ventral do tórax*”¹. Daí decorre o absurdo de afirmar que a mulher tem dois peitos. (E as porcas, então, teriam entre doze a dezesseis peitos???) Os rapazes também têm um único peito e duas mamas, em geral, pouco desenvolvidas.

No mesmo dicionário, podemos encontrar que ‘seio’ significa “*parte do pescoço e do peito feminino que pode ficar descoberto*”¹. (Os homens machos e os machos ‘humanos’ permitem essa sedução...) Ou “*parte interna, cavidade*”¹. Nas aulas de Anatomia, aprendi que o ‘seio’ de qualquer pessoa estava localizado sobre o osso esterno, entre as duas mamas, de homens e de mulheres.

Por outro lado, deslembro de ter ouvido expressões como ‘espinho de pé’, ‘câncer de cabeça’, ‘câimbra de perna’, ‘dor de coluna’, ‘cólica de rim’, ‘cólica de útero’, ‘afta de boca’, ... Em geral, ouço falar ‘espinho no pé’, ‘câncer na cabeça’, ‘câimbra na perna’, ‘dor na coluna’, ‘cólica nos rins’, ‘cólica no útero’, ‘afta na boca’.

Então, talvez, o mais correto (e menos dissimulado) seria dizer ‘câncer em uma mama’, ‘câncer nas mamas’ ou ‘câncer nas duas mamas’.

Todavia, lamentável que as mamas só possam vir a público quando a mulher já está doente.

¹ Dicionário Eletrônico Houaiss

HOMO SAPIENS SAPIENS FUTURUS

A Medicina e os profissionais ‘da saúde’ atendem doentes e combatem doenças. As pessoas enfermas vão (ou são encaminhadas) ao Sistema de Saúde: consultórios, médicos e hospitais. Paradoxal: “A realidade está grávida de seu contrário.”*

Se uma pessoa saudável, em pleno exercício de sua saúde, chega a um consultório, clínica ou hospital, será considerada ingênua e corre o risco de ser ridicularizada em seus temores ou, bem possível, de ser explorada emocional e financeiramente. O mercado clínico explora, lucrativamente, o nosso medo de adoecer e o nosso pavor diante da certeza de que vamos morrer.

Além do interesse profissional e financeiro da Indústria Clínica, agora, pessoas sadias, que gozam até de saúde invejável, desejam ser ainda mais saudáveis: supersaudáveis, ou mais, hipersaudáveis. Possivelmente, na esperança de fazer parte de uma nova espécie humana que viveria trezentos anos, com possibilidade de viver ‘para sempre’.

Mesmo que inconsciente ou de forma disfarçada, talvez, já exista um grupo humano sonhando com a construção de uma elite de gigantes, como há uma elite capitalista, que acredita na importância de

ficarem cada vez mais ricos, para que os riquíssimos consigam amealhar ainda mais riqueza, formando uma casta que se afastará ainda mais da pobreza popular. Essa elite quer criar um ‘mundo à parte’, distante da miséria e da possibilidade de morrer de fome...

Chega, agora, a notícia de que um inglês, insatisfeito com o corpo dele, pagou mais que R\$ 800.000,00 para um cirurgião enxertar ossos nas pernas ... e ele “cresceu 8 cm”.** Imagino que o ego do homem tenha crescido muito mais... Será que ficará mais saudável? Será que estará mais feliz?

Na minha terceira passagem como estudante da UFSC, aos cinquenta e três anos, muitos colegas ainda meio adolescentes olhavam com compaixão para o grupo de ‘velhos’ da turma, porque a “Matrix” estava se realizando aos poucos: que eles, superjovens e superinteligentes, seriam os primeiros pós-sapiens-sapiens e que nós éramos bichos do passado, hominídeos a serem usados como serviçais deles, para resolver pequenos problemas que ainda não eram resolvidos pela inteligência artificial e pela automação total.

Nesses tempos antropocêntricos e de reinvenção do homem, ressurgem células de fascismo e de nazismo, adeptos da eugenia, e as escolas trabalham na formação de superdotados, a partir da seleção de alunos superinteligentes que possam construir um mundo virtual, espaços cibernéticos ... nas nuvens, residência de semideuses...

Lembro que, ao final do Século XX, durante um dos muitos trabalhos meus na Amazônia, me contaram que, em uma aldeia próxima, estava surgindo “uma nova ‘raça’ de índios, índios gigantes”. Isso acontecia em uma única aldeia daquela tribo que habitava uma vasta região. Antropólogos, sertanistas, biólogos, sociólogos e cientistas de ‘instituições superiores’ haviam estudado o fenômeno sob todos os aspectos, sem, porém, encontrar “evidências científicas” que explicassem ‘a boa nova’.

Passados alguns anos, um viajante, despretensioso e leigo, perguntou, a um caçador que conhecia quase todas as aldeias, em quantas delas atracava esse barco com câmara frigorífica. “Só nessa”, afirmou ele. Ou seja, os ‘frangos de granja’, com altos níveis de somatotropina (hormônio do crescimento), só chegavam a essa aldeia e os resíduos continuavam agindo naqueles índios ‘privilegiados’.

Décadas depois, uma pesquisa acadêmica ‘descobriu’ que, naquela aldeia, as doenças desenvolvidas pelo próprio corpo matavam antes e mais que as doenças transmissíveis.

*Princípio fundamental da Filosofia Dialética.

**<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/11/21/homem-gasta-mais-de-r-800-mil-para-fazer-cirurgia-e-crescer-8-centimetros.htm>

QI

A sigla QI foi criada por intelectuais para destacar o alto nível de inteligência deles. Os critérios de aferição também foram estipulados pelos ‘donos do saber’. Na realidade, a classificação se dá pelo percentual de acerto de respostas a perguntas da ‘inteligência artificial’.

A fragilidade da autoglorificação está no conceito de inteligência, criado por alguém que se considera uma sumidade no grau de inteligência. Se ele se perder numa floresta, o QI poderá ajudar muito pouco... Saberá encontrar água? Conseguirá colher frutos e caçar? Comerá frutos venenosos?

Todavia, há outros QIs.

1. Quociente de Informação. O mal desse século está no excesso de informações e na falta de habilidades para encontrar as informações úteis e para reconhecer as informações falsas. Piores são as informações dúbias usadas para ludibriar nossas mentes.
2. Quociente de Insatisfação. Os bilionários, os hiperinteligentes e os geniais continuam insatisfeitos, parecem infelizes, buscam o impossível e se utilizam de todos os meios para alcançar seus objetivos. Mesmo assim, continuam insatisfeitos.
3. Quem Indica. Os políticos e seus asseclas usam esse QI para ‘levar vantagem em tudo’.

OUVIDOS CANSADOS

Andando pela floresta, ouvimos os sons da Natureza como vozes que nos saúdam e nos acolhem, intercalados com pequenos intervalos de silêncio.

Se tivermos sorte, seremos surpreendidos por melodias de pássaros; apresentações individuais, sinfonias, corais, orquestras ou jograis. Sabiás, beme-te-vis, pombas, canários, tico-ticos, coleirinhas, curiós, trinca-ferros, ...

Essas alegrias também podem ser vividas em parques, praças e calçadas arborizadas.

Os pássaros chegam, pousam em uma árvore, cantam, mudam de árvore, vão embora. Por serem imprevisíveis e por nos alegrarem por instantes, mais fundo gravam os sons em nossas memórias. Levamos conosco a lembrança das melodias e o desejo de ali voltar a ouvir.

A surpresa desperta nossa mente; a monorritmia vira ruído... inaudível.

Algumas pessoas prendem pássaros em gaiolas exíguas, penduradas em paredes sombrias ou expostas ao sol e ao vento. Ao ver a chuva (se da prisão puder ver...), o prisioneiro abre as penas, recordando dos bons banhos nos tempos de liberdade, se, antes de ser preso, teve essa

felicidade... Porque, quando chove, a passarada se alegra com um banho natural.

Muito triste e irritante ouvir a breve sequência de algumas notas agudas que se repete de vinte em vinte segundos e dura apenas cinco segundos. O ‘dono’ (que, atualmente, por eufemismo, se intitula tutor do pássaro) sai cedo para a fábrica e retorna ao anoitecer, quando a ave inicia o longo sono. Aos finais de semana, o infeliz cantor fica preso numa lavanderia, enquanto a família grita em alguma praia.

Parodiando Otto Lara Resende em Vista Cansada, podemos dizer que a repetição interminável e jamais ausente nos suja os ouvidos e causa surdez. Um pássaro preso em uma gaiola presa à parede de barbearia, de oficina, de apartamento ou de sala, ao repetir, do amanhecer ao anoitecer, o mesmo canto, no mesmo lugar, vira monotonia, barulho, falência dos tímpanos.

ENCONTRO ANUAL

Dentro do esperado, a maioria dos delegados compareceu para abrilhantar o evento maior da classe e todos conversavam despreocupados, favorecidos pela ausência de pessoas estranhas, pois o que fosse ali tratado só dizia respeito a eles; não deveria cair nos ouvidos do povo.

Os temas rotineiros escorreram pela pauta, sem novidades. Restava o item *Outros Assuntos*, com garantia de livre uso da palavra, sem a necessidade de inscrição prévia; um espaço ocupado, quase sempre, por homenagens ou para divulgar informações.

De início, causou surpresa a manifestação de Manoel, pessoa opaca, de pouca importância, sem chance de carreira promissora. O anúncio da questão sugerida para debate causou ainda mais estranheza: *O que é um delegado?*

Murmúrios no plenário. O que o maluco pretendia com tal questionamento? Coisa de louco, literalmente. Enquanto os colegas se organizavam para contestar, o locutor dissecava o significado dos termos delegado, delegação e delegar.

Delegar significava transferir poderes a um ou mais representantes. Delegação, então, significaria

transmissão, transferência de poder por mandato expresse; procuração que autoriza e instrumentaliza o cumprimento de uma missão. A delegação conferiria, portanto, alguns dos poderes de quem delega e não todos, nem o direito de o representante tomar decisões por si mesmo, pois careceria de autoridade para tanto.

O burburinho aumentou; as palavras açoitavam os ouvidos mais conservadores. Por certo, o colega era um desses rebeldes incendiários com pretensões de revolucionar as atividades do egrégio corporativo. Onde arrumava coragem para sacudir a verdade estabelecida?

E continuavam as trovoadas do destemido tagarela. Segundo ele, delegado seria o representante que substitui a autoridade com a tarefa de exercer o poder superior a ele concedido. Logo, para exercer a superioridade institucional.

Nesse ponto, o técnico de som desligou o microfone e os presentes acompanharam as frases seguintes por leitura labial. Desligou por orientação da Mesa, que, assim, silenciava a oposição, sem sofrer o desconforto de cortar a palavra, o que poderia agravar ainda mais a confusão já estabelecida. Restava ao ‘prejudicado’ gesticular reivindicações de direitos minoritários.

Em meio à balbúrdia, outro delegado pediu a palavra, que desta vez foi concedida, pois seria exercida por um correligionário. Entretanto, o

aparelho só foi ligado depois que o inscrito conseguiu arrancar o microfone da mão do seu antecessor. Propôs, então, que ‘o estranho fosse retirado do ninho’. Quer dizer: que o abusado fosse posto para fora.

— É pouco! – gritou alguém.

— Vamos expulsar o intruso da corporação – acrescentou outro.

— A corporação só defende os privilégios e o poder – gritou o ‘intruso’.

— Fora – ecoou em uníssono o coro de delegados.

— Cadê a liberdade constitucional de expressão? – vociferou o ‘réu’ contido por dois seguranças que foram chamados para executar as ‘ordens da Mesa’.

E, enquanto era arrastado para fora do plenário, ainda bradou:

— A corporação incorpora a autoridade com autoritarismo.

A reação do Presidente da Mesa foi imediata: “Acabou a tolerância; o cara quer briga.”

CISCO NA PLATEIA

Pedro participava das atividades da Associação consciente de que poderia evoluir e contribuir para as melhorias educacionais.

Além das reuniões mensais para estudo de alternativas didáticas a serem testadas nas práticas pedagógicas, uma vez por ano, acontecia o grande evento, para os quais eram convidados palestrantes titulados de renome nacional, com trabalhos publicados sobre novas teorias de ensino-aprendizagem.

Para o IX Seminário de Ideias Inovadoras, foi convidado um professor catedrático da mais afamada universidade do País, pós-doutor em instituição norte-americana e autor de um trabalho científico com o sugestivo título: OS DETALHES PODEM MUDAR A EDUCAÇÃO.

Porém, o preço da palestra abarcava valores acima de qualquer detalhe. Por isso, os associados buscaram patrocínios e desembolsaram parte de suas economias para poder contar com informações que poderiam mudar as perspectivas salariais deles.

Como pessoa importante, o intelectual exigiu tratamento principesco e impôs condições adicionais: o espaço reservado ao público deveria

estar completamente tomado e todos deveriam ouvir a exposição erudita no mais completo silêncio.

Depois de lida a extensa lista de títulos e de qualidades do palestrante, ele iniciou a explanação do tema contratado: INFLUÊNCIAS DO PROFESSOR NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DO ALUNO.

Imaginava-se que ele fosse revelar soluções para os desafios escolares daquela época.

No entanto, o pós-doutor divagou sobre as ideias brilhantes desenvolvidas durante o período em que ‘esteve no exterior fazendo o pós-doutorado’. O monólogo desfaleceu a curiosidade dos silenciosos espectadores, que já lutavam contra os cochilos. Então, minúsculos bilhetes começaram a circular, encaminhados ao mais ousado daquela plateia, sugerindo que ele interrompesse o solilóquio monocórdio com alguma pergunta ácida.

Inicialmente, evitando aceitar o papel de algoz, o instigado conteve-se. Entretanto, o palestrante apenas preenchia o tempo com palavras descompromissadas e o porta-voz eleito por unanimidade também perdeu a paciência, ergueu a mão e solicitou o direito de interromper a cantilena.

Como foi escrito acima, não interromper o palestrante estava entre as condições exigidas por ele. Por isso, exasperou-se; quase enfureceu-se. O corajoso psicopedagogo aproveitou o silêncio da autoridade autoritária para perguntar: “Qual o título da sua tese de pós-doutorado?”

A fúria saltou pelos olhos do palestrante. Fúria que encorajou ainda mais o inquiridor: “Qual o título da sua tese de pós-doutorado?”

Talvez temendo maiores terremotos ou na esperança de esmagar o insignificante professor com o peso de seu trabalho científico, o palestrante remexeu os papéis sobre a mesa e, depois de olhar energicamente para o interlocutor, leu o que estava escrito na capa do documento:

Função da ducentésima vigésima sétima letra da página trezentos e doze do quinto livro da Enciclopédia Universal no contexto das ideias desenvolvidas no capítulo dezessete do livro dois, que trata da síntese epistemológica das hipóteses de universalização dos conhecimentos do ser humano a respeito da formação geológica do período interglacial.

Dentro das condições contratadas, o restante do público manteve o mais absoluto silêncio. O que favoreceu ao porta-voz emitir uma segunda pergunta: “O senhor está falando da sua tese de pós-doutorado ou do tema que consta aqui na programação do evento?” (E mostrava o prospecto.)

Aí, já era demais! Um professorzinho insignificante questionar os caminhos usados para se chegar às causas das dificuldades de aprendizagem...

O palestrante buscou com os olhos o apoio da Presidenta da Associação para rebater a arrogância do insolente, que continuou a molestar: “Pelas suas

próprias palavras, fica evidente a distância entre o que esperávamos ouvir como ferramenta para nossas ações educativas e as profundezas do foco de sua tese de pós-doutorado.”

A situação gerou profundo mal-estar na plateia. Apesar da evidente distância entre o tema contratado e a autopromoção do docente da famosa universidade, a maioria dos psicopedagogos reagiu com indignação. Os mesmos que mandaram bilhetes instigando o desmascaramento do convidado bem-pago sem proveito pedagógico se levantaram contra Pedro, como se fosse ele o único insatisfeito com a nulidade da palestra.

A unanimidade mudou de lado. De repente, a plateia levantou-se em defesa da honra do palestrante e exigiu que o insolente se retirasse, em silêncio. Antes de tudo o respeito à hierarquia dos títulos acadêmicos; logo em seguida, a benevolência para com o convidado.

Pedro pôs-se em pé, passou pela mesa oficial, e, com olhar cínico, varreu os colegas psicopedagogos. Carregando sua pasta recebida na inscrição para o IX Seminário de Ideias Inovadoras, caminhou resolutamente para a porta, chegou ao estacionamento, embarcou no automóvel e foi para casa.

No dia seguinte, recebeu o comunicado de que fora banido da Associação.

ENTIDADES DE RUA

O vocábulo ‘entidade’, designando estruturas sociais criadas por leis ou por estatutos, passou a dominar a linguagem dos meios de comunicação. De certa forma, a palavra-ônibus carrega o descompromisso das pessoas que virtualizam as instituições, como se fossem essências descoladas do mundo real: virtuais, etéreas, ideais, intangíveis e inatingíveis. Coisa do outro mundo. Espíritos puros despidos de qualquer vestígio de realidade existencial.

Essa, a primeira repugnância minha ao ler/ouvir que “as entidades estão oferecendo abrigo aos moradores de rua”. Aí, um segundo sintoma de alienação; o de se esconder atrás de ‘termos politicamente corretos’, de fugir de supostos ‘preconceitos’, como usar as palavras pedintes, indigentes ou mendigos. Hipocrisia praticante.

Sim. Mesmo que “Graças aos deuses!!!”, enfim, um gesto humano de solidariedade. Louvável a compaixão para com os absolutamente pobres; para com os enfeitados pela sociedade de consumo. Partilhar o pão e oferecer abrigo. Alimentos que estão sobrando e hospedagem em prédios pouco usados ou, até, abandonados.

As igrejas e os clubes esportivos podem (e devem) recolher os ‘moradores de rua’ nas noites geladas dos invernos sulinos. Entretanto, ‘ajudar os pobres’ tem um custo burocrático: dispor de banheiros e água potável em volume adequado ao contingente que se quer abrigar, instalar sistemas de proteção contra incêndios, garantir segurança, prevenir surtos de doenças contagiosas, tratar com dignidade os sem-teto e requerer alguns alvarás da prefeitura, dos bombeiros e da vigilância sanitária. As mesmas obrigações legais de outras ‘entidades’. Obrigações legais? Das organizações da sociedade civil? Iguais às dos governos municipais?

Moradores de rua, moradores de debaixo da ponte, moradores de viadutos, moradores de prédios abandonados, moradores de barrancas de rio, moradores de marquises, moradores de rodovias, moradores de parques, ... não são responsabilidade do governo? O governo instala sistemas de prevenção a incêndios e garante segurança para indigentes em ruas, pontes, viadutos, prédios abandonados, matas ciliares, marquises, rodovias e parques? O governo mantém banheiros funcionando e oferece água potável e alimentação para os que residem em locais públicos? Quais as ações de governo para evitar os surtos de fome e a propagação de doenças entre os desajustados? Os moradores em espaços públicos são tratados com dignidade pelo governo?

As “entidades” da Sociedade Civil devem cumprir obrigações impostas por ‘governos’ que não as cumprem?

INCLUIR POR NÃO TER PREVENIDO

Todos os seres vivos evoluem, porém, em escalas bem diferentes. Os vegetais se adaptam às mudanças climáticas e são manipulados tecnicamente, para selecionar características produtivas e para criar espécimes mais resistentes às pragas. Os animais evoluíram mais rapidamente que os vegetais, pois, pelas interpretações atuais, surgiram depois e, ainda assim, parecem ‘superiores’.

Além disso, são liderados pelos humanos, que dominam, treinam e exploram a maioria dos outros animais e todas as plantas. Os humanos se consideram os seres mais evoluídos, quase perfeitos. Usam e abusam da Natureza, como se as fontes de alimentos, de materiais e de energia fossem infinitos.

“Estaria o ser humano tão apto a sobreviver em seu ambiente como seus parentes primatas? Em caso afirmativo, por que então o ser humano destrói tanto o ambiente em que vive e os recursos de que ele mesmo necessita? É de se pensar, não é?”, provoca um pesquisador.

Para os antropocêntricos que pensam que os humanos sejam os pináculos da evolução, a pergunta pode parecer absurda. Todavia, tem lógica para biólogos críticos.

Charles Darwin analisou animais e plantas em seus ecossistemas e percebeu que existe seleção natural; publicou suas conclusões no livro *A ORIGEM DAS ESPÉCIES*. Teoria aceita e aplaudida universalmente.

Porém, muitos interpretam de maneira errônea as teses darwinianas, comemorando que sobrevivem os mais fortes. Ou seja, consideram que sobreviveram porque são os mais fortes; eles, os equivocados, e nós que estamos lendo esse comentário. Na verdade, Darwin concluiu que sobrevivem os mais aptos; aqueles que conseguem se adaptar e superar situações adversas – seja escapando de um predador com a capacidade de se camuflar, alterando sua alimentação em um período de seca ou conseguindo armazenar mais água no corpo, por exemplo.

Na prática, os humanos parecem tão insensatos quanto os demais animais que eles chamam de ‘irracionais’. Muitas vezes, nem mesmo entendem os instintos animais...

Algumas ‘civilizações’ eliminavam aqueles que apresentassem defeitos físicos ou mentais, além de eliminar os próprios pais, quando esses perdessem a capacidade de sobreviver por conta própria. Por certo, agiam com os conhecimentos e com as ciências de que dispunham. Tentavam contornar as dificuldades de lidar com pessoas não-perfeitas e, talvez, evitar a replicação de cópias defeituosas ou por medo do ‘contágio’.

Nas últimas décadas, o cenário mudou para o lado oposto: cresceu o sentimento de inclusão dos seres humanos que apresentem falhas de funcionamento, sejam elas físicas, psicológicas, genéticas, visuais, auditivas ou mentais. Passamos a agir por altruísmo, compaixão, transferindo para a Sociedade e para o Estado as responsabilidades individuais indesejadas.

Sim. Eticamente, correto: ter compaixão e dar apoio aos que tiveram – e/ou têm – pior sorte; favorecer o convívio social dos deficientes. Procuro sempre ajudar todas as pessoas; em especial, as que mais precisam de ajuda.

No entanto, se acolher e ajudar os desvalidos pode ser considerado um ato nobre, uma caridade, mais caridoso ainda será evitar que seres humanos nasçam ou adquiram deficiências de funcionamento orgânico e/ou mental. Muito mais aconselhável evitar as doenças do que construir hospitais para depositar doentes; melhor evitar acidentes e filhos com defeitos congênitos do que sentir compaixão e dedicar caridade para com portadores de doenças genéticas, acidentados e ‘humanos inferiores’.

Tomando como referência material: melhor ter cuidado no manuseio das louças, do fogo e dos prazeres do que colar os cacos, tratar as queimaduras e os queimados, desintoxicar e desviciar os drogados. Melhor guardar os excedentes de colheita e/ou de ganhos do que passar fome nas carestias; melhor economizar e controlar os gastos

do que recorrer a empréstimos bancários para pagar dívidas.

A maioria das deficiências físicas, morais ou mentais poderiam ser evitadas com uma análise das condições pré-matrimoniais, com a obediência às regras de trânsito e com prudência, precaução e prevenção. A Ciência já oferece muitas informações de como evitar a maioria dos males que nos afligem. Talvez, o que está faltando são atitudes coerentes de nossa parte. Talvez, falte aceitarmos e respeitarmos os limites.

GALANTEIOS, IRONIAS E MACHISMO.

Alguns homens são especialistas em galanteios: bonitona, gostosona, mulherão, princesa, ...

Habilidade de cortejar uma dama, namorador, elegante, esbelto, distinto, amável com as mulheres, sensual, delicadamente obsequioso, brincalhão, espirituoso, malicioso, engraçado, picante. Enfim, um galo. Os galanteios, atitudes com suas muitas galinhas. Legítimas ou alheias.

Quando os galanteios são destinados a pessoas do mesmo sexo, podem ser falsos elogios, ironias dissimuladas, estratégias de convivência com desafetos; ironia ou desdém. A ironia é uma figura de linguagem “por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender”; sarcasmo, zombaria, “riso amargo”.

Quando retribuímos os galanteios, por ingenuidade ou para manter a cordialidade social, entramos no jogo perigoso da dissimulação, sendo indulgentes ou fazendo de conta que não vemos, para evitarmos envolvimento afetivo, a franqueza e a lealdade. Falsos amigos; relações defensivas. A convivência consolida e exacerba essas relações doentias.

Possivelmente, ao elogiar atributos físicos de colegas de trabalho, ao chamar de ‘dama’ uma mulher [*“a*

dama de vermelho”, da cornimúsic], ao usar os pronomes de tratamento senhor e senhora para ‘pessoas mais velhas’, ao homenagear uma mulher pobre e desvalida com o título honorífico ‘dona’ *[mesmo que ela não tenha domínio nem sobre o próprio corpo e nenhuma posse, sendo ela mesma posse do marido]*, estamos fingindo cortesias e respeito ou manifestando, dissimuladamente, desdém, menosprezo ou indiferença por atributos que invejamos. Assim, interpomos uma distância respeitável.

Respeito, do Grego, *res pecto*: coisa alheia. Reconhecimento que não temos o domínio, que não podemos controlar as ações ou os atos. Consciência de que devemos permanecer à parte, por atitude ética ou por reconhecimento de incapacidade física ou moral para solucionar os impasses. Decisão de manter a neutralidade.

O machismo – resquício do domínio dos animais machos pela força física – sobrevive entre humanos e se perpetua com a convivência das mulheres. Algumas mães incutem orgulho masculino nos filhos; se sentem realizadas por terem desenvolvido neles o sentimento de domínio, de liderança autoritária, de direito ao uso e ao abuso.

Vamos conviver com os diferentes, valorizar as diferenças e compartilhar os poderes, sem agressões, ironias, cinismo e prepotência?

INGENUIDADES CONSAGRADAS

Em todas as épocas, cada povo teve sua concepção de mundo, seu senso comum, seu pensamento comunitário dominante. Na pré-história, esses conjuntos de ideias, de normas e de valores morais serviram de base para organizar os agrupamentos humanos que passavam a viver em estado gregário e de forma cooperativa.

As comunidades se desenvolveram e, ao mesmo tempo, se submeteram a sistemas de princípios necessários e suficientes para manter a dinâmica social, nas dimensões religiosa, econômica e política. Os humanos interagiram e controlaram uns aos outros por tanto tempo que passaram a perceber como naturais todas as regras e instituições que eles mesmos criaram. A partir daí, as tradições culturais assumiram um caráter metafísico inquestionável, um espírito coletivo acima da razão, que guiou o destino de todos. As instituições receberam status de ‘entidades’; entes, seres existentes a priori; criações divinas. E o povo podia viver em paz na alienação.

As ideias, as normas e os valores morais vão sendo agregados à medida que o grupo social vai se formando. Surgem com a união estável de um casal, pois, os cônjuges precisam estabelecer acordos de convivência que limitem idiosincrasias, manias e

excentricidades individuais; são ampliados com o surgimento de filhos, negociados quando os filhos passam a exercer poder para influenciar a pequena família, renegociados a partir do casamento desses filhos com parceiros defensores de outros conjuntos de regras de convivência na, dali por diante, grande família. Cada clã é governado pela filosofia de vida reconhecida e aceita por todos os seus membros, mesmo que possa parecer estranha para pessoas de outros clãs. Costumes de cada família: respeitados, evocados, sacramentados e transmitidos para as futuras gerações como dogmas sagrados.

E, para poder conviver com vizinhos fronteiriços, cada uma dessas grandes famílias se vê obrigada a adequar suas regras sociais ao crescente aumento populacional e de relações sociais, econômicas e/ou políticas. Cada aldeia tentando controlar a outra no jogo social e político; tentando impor seus modos de pensar à comunidade vizinha.

À medida que a população circunscrita por cada senso comum se expande, as regras de convivência e as relações de poder serão mais detalhadas e mais complexas. As instituições criadas passam a abrigar a ideologia dominante, numa espécie de transferência inconsciente das responsabilidades individuais para estâncias metafísicas, entes sobrenaturais, para os quais se atribui vida própria, como se fossem enviados pelos deuses para reger e salvar a humanidade.

Essa complexidade organizada é que mantém a coesão e que permite o progresso socioeconômico de cada agrupamento humano, desobrigando os indivíduos da responsabilidade de pensar, de julgar e de tomar decisões: o povo se submete aos determinismos sagrados, sem contestações ou críticas; se submete passivamente.

No entanto, a chegada de forasteiros ou de textos estrangeiros pode despertar alguns membros da comunidade, livrando-os do torpor ideológico em que estão imersos de forma mais ou menos inconsciente. As novas gerações, em especial, são suscetíveis às novas ideias e podem provocar cismas por dissidência de opinião, gerando turbulências que podem gerar desequilíbrios temporários ou, em casos extremos, cisões definitivas. Por isso, um dos principais esforços dos adultos (principalmente, dos pais) é conter as revoltas juvenis.

Essas sublimações sociais geram crenças que derivam para atitudes e comportamentos que tendem ao ridículo, mesmo que permaneçam encobertos pelo senso comum. Dentre eles, muitos lugares comuns na mídia e nas peças publicitárias.

Lemos e/ou ouvimos diariamente muitas afirmações absurdas sem refletir ou questionar. As estradas matam os motoristas, os carros ficaram totalmente destruídos, os engarrafamentos prejudicam o trânsito, as pessoas são eliminadas por balas perdidas, os agradecidos se dizem obrigados, as emissoras são ouvidas em todos os lugares do

mundo, os velhos devem ser respeitados incondicionalmente, ... Ocidente, Oriente, partidos 'de direita' e partidos 'de esquerda.

Bastaria um pouco de raciocínio lógico para perceber que os motoristas agressivos matam a si mesmos e aos outros, carros acidentados e casas incendiadas – na maioria das vezes – ficam parcialmente destruídos, o excesso de veículos causa engarrafamentos, os maus motoristas prejudicam o trânsito, os tiros atingiram os alvos, os locutores são obrigados mediante pagamento, as emissoras podem ser sintonizadas em qualquer parte da Terra, tem muito bandido velho e muito velho safado, ...

Em todos os lugares da Terra, há o lado oriental e o lado ocidental de onde estamos. Se estivermos no Japão, a China estará no nosso ocidente. Se estivermos deitados de bruços, com a cabeça para o Norte e os pés para o Sul, o Ocidente estará à nossa esquerda e o Oriente, à nossa direita. Ou, se estivermos de pé olhando para o Norte. Ao chamar o Socialismo de 'partido de esquerda' estamos usando um rótulo mundialmente aceito. E equivocado.

As primeiras afirmações, aparentemente absurdas, oferecem esconderijo para o povo em geral que prefere estar sob a proteção de alguém ou de alguma instituição poderosa sem precisar se expor, sem precisar pensar muito, sem precisar tomar decisões. O povo prefere viver alienado, mesmo com prejuízos, do que lutar abertamente por suas ideias e assumir a responsabilidade pelos próprios atos.

A expressão ‘bom atendimento’ é usada para cativar os fregueses dos estabelecimentos comerciais que afirmam o que deveriam estar fazendo; se atendessem bem não precisariam propagandear, pois, os consumidores saberiam disso na prática. Além do que, seria necessário especificar o que é bom atendimento, do ponto de vista do freguês.

Possivelmente, as pessoas entram nas lojas com o intuito de suprir as próprias necessidades. As lojas deveriam atender as necessidades dos clientes e não distribuir sorrisos artificiais, servir cafezinhos ou dar brindes. Por outro lado, muito raramente, um comerciante pergunta ou pesquisa se o cliente teve suas necessidades atendidas. Muito pelo contrário, às vezes, o incauto acaba levando inutilidades, sem ter comprado o que precisava comprar. Além de, muitas vezes, concorrer compulsoriamente por prêmios que paga sem saber; compra alimentos e concorre ao sorteio do automóvel que ajuda a pagar.

Também as indústrias proclamam a qualidade de seus produtos. O que não deixa de ser verdade. Meia-verdade, pois, todos os produtos têm qualidade: a qualidade que eles têm. Pode ser ótima qualidade, qualidade mediana ou péssima qualidade. Portanto, afirmar que os produtos têm qualidade é uma meia-verdade, uma verdade relativa. No entanto, a intenção e os entendimentos dos ingênuos são os de que aqueles produtos são de qualidade superior. Mais um caso em que a esperteza dos exploradores

utiliza meias-verdades para incluir opiniões perniciosas no senso comum do povo simplório.

Outra meia-verdade enganosa é ‘cliente tradicional’. As empresas e os cidadãos usam alguns critérios para selecionar os clientes mais confiáveis; aqueles que possivelmente pagarão as dívidas nos prazos estipulados e sem pechinchar.

Porém, a informação que consta nas fichas cadastrais e/ou nas memórias pessoais é apenas ‘cliente tradicional’, sem questionar a que tradição se refere. Há pessoas que sempre pagam o que devem, cuidam mais de uma ferramenta que tomaram emprestada do que cuidam normalmente das suas ferramentas e jamais roubam, mesmo quando as oportunidades favoreçam e as necessidades obriguem. São pessoas tradicionalmente confiáveis. Porém, no outro extremo, encontramos muitos ladrões tradicionais. Sobra ainda muita gente que se comporta conforme a situação ou conforme as conveniências, sendo pessoas apenas relativamente honestas. Também, há clientes com a tradição de nunca pagar as dívidas; são caloteiros tradicionais.

Logo, pela tradição, poderemos encontrar clientes bons pagadores e clientes trapaceiros, velhacos e caloteiros de comportamentos imutáveis. Entre esses dois extremos, está a maioria da população, cuja honestidade depende de uma vigilância atenta e de repetidas cobranças.

Logo, os clientes dos três tipos são tradicionais: tradicionalmente bons, tradicionalmente relapsos ou tradicionalmente velhacos. São, assim, tradições bem diferentes entre si. Porém, todas merecem o rótulo ‘com tradição’.

Paradoxalmente, a tradição deveria ser o rótulo apenas dos maus clientes, pois as palavras tradição e traição são irmãs gêmeas, filhas do vocábulo latino *traditio, ónis*.

As tradições são heranças culturais transmitidas de geração a geração; muitas delas equivocadas e, até mesmo, antiéticas, como touradas, torturas, circuncisão dos meninos, ablação do clitóris e dos pequenos lábios da vulva das meninas, machismo, ...

Em particular, as tradições religiosas podem ser justificadas pelas causas originais e/ou por interpretações errôneas, principalmente das leituras e/ou traduções de documentos escritos em linguagem iconográfica, pictogramas ou ideogramas.

A fé, as proibições, os tabus, os bálsamos milagrosos, as poções mágicas, as magias, os bruxismos e os encantamentos tiveram razão de ser e efeitos práticos no controle dos comportamentos humanos e na cura de moléstias, em épocas ancestrais.

Porém, podemos rever essas atitudes que foram lógicas no passado, mas que chegam a ser hilárias à luz da Ciência atual.

No entanto, muitos mitos, lendas, liturgias, ritos, usos e costumes ainda são seguidos com convicção

inabalável, mesmo que uma análise simples possa desvendar comportamentos sem razão lógica ou o fanatismo de crenças. Há quem acredite que sempre chove na ‘virada de lua’, que as crianças tendem a nascer em noites de lua-cheia e que a tromboflebite seja ocasionada pelo ‘leite de sapo’. Para evitar a doença venosa, exterminam os sapos...

O respeito pelos mais velhos é uma tradição milenar em diversas culturas. Desde a antiguidade, acúmulo de experiências pressupõe sabedoria. De fato, uma pessoa precisa viver muitos anos para experimentar muitas coisas, para viajar e para viver em muitos lugares, dialogar com muitas pessoas e meditar longamente sobre tudo o que viveu.

Porém, muitos jovens aprendem várias profissões, viajam intensamente, buscam com disciplina e persistência um grande número de informações e, rapidamente, aprendem por tentativas que se concretizam em inventos e em empreendimentos inovadores, gerando, inclusive, teorias fidedignas. Ainda jovens, já são sábios.

Por outro lado, a maioria das pessoas vive as mesmas experiências diárias por décadas inteiras e em torno da Terra Natal. Essas também podem construir sabedorias. Kant, por exemplo.

A Bíblia e outros livros sagrados estão recheados de recomendações de respeito aos ‘mais velhos’ e aos idosos. As religiões reforçaram a crença na sabedoria dos anciões.

Contudo, ‘pessoa idosa’ é uma expressão muito abrangente. A maioria das pessoas idosas merece nossa admiração e nosso respeito. No entanto, há pedófilos e depravados que foram assim por toda a vida deles e há pedófilos e depravados que iniciaram a pedofilia e a depravação como comportamento de ‘terceira idade’. Velhos pedófilos e/ou depravados são criminosos que merecem nosso repúdio.

Essa crença de que ao longo da vida as pessoas vão ficando cada vez mais sábias e respeitáveis corresponde, mais ou menos, à lenta metamorfose de um gavião predador em uma pomba da paz.

No entanto, dificilmente, alguém vai acreditar que uma erva daninha vai, à medida que envelhece, se transformando em uma linda orquídea ou em um cereal nutritivo. Que uma piranha se transforme pela idade em um lambari. Um gavião velho será, no máximo, um predador menos perigoso; devemos comemorar se a erva daninha não der sementes e se as piranhas ficarem banguelas.

Podemos concluir que o senso comum, a moral e a legislação devem ser vistos, analisados e utilizados de forma consciente e crítica, para que possamos superar o pensamento ingênuo e evitar comportamentos tolos, como comprar inutilidades, seguir a moda, acreditar na propaganda e/ou venerar cretinos.

PEDOFILIA HUMANA

À medida que sobrevivo por sete décadas, percebo que meu olhar alcança outros níveis, outros horizontes ou que eu consigo visualizar o que estava perto e permanecia ‘invisível’, em segundo plano. Talvez, minha mente envelhecida, com melhores configurações, consiga ultrapassar o imediato e penetrar através das frestas do senso comum.

Durante a gestação, os meus olhos e a minha mente em construção devem ter visto, inicialmente, escuridões e, gradualmente, penumbras. Na primeira infância, reconheceram rostos familiares, objetos coloridos e fontes de alimentos, como mamas e mingaus. Até os três anos, dispensado de análises éticas e/ou filosóficas, devo ter visto o mundo apenas como paisagem dinâmica.

A ‘idade da razão’ surgiu aos sete anos? Talvez. Quais as análises que eu fazia aos dez anos? E aos quinze? O que o Mario recém-adulto passou a pensar? Quais os critérios éticos do Mario quarentão? Em que fase radicalizei minhas visões de mundo? Quando comecei a me aprofundar nas raízes das questões?

Justificadas as minhas idiossincrasias (*predisposição do organismo que leva o indivíduo a reagir de*

maneira peculiar à influência de agentes exteriores/Houaiss), vamos ao tema proposto.

Até envelhecer, lutei para acomodar a ideia de pedofilia como vício de *“perversão que leva o indivíduo adulto a se sentir sexualmente atraído por crianças/Houaiss”*. Apenas de adultos humanos?

Esparramei minha atenção para o reino vegetal e procurei por eventos em que uma planta adulta tivesse tentado atos reprodutivos com uma planta recém-nascida, com brotos tenros ou com plantas sexualmente imaturas. Nada. Nenhum indício... Concluo que faltam evidências de pedofilia vegetal.

Haveria pedofilia entre os seres microscópicos? Está lançado o desafio...

Entre humanos existe. Humanos são animais. E os outros animais? Vasculhei as prateleiras mais antigas de minha memória, catalogando imagens registradas durante a infância, quando adolescente, durante a juventude e depois de adulto.

Galos, galinhas, pintos; cachacos, porcas, leitões; baguais, éguas e potrinhos; cães, cadelas e filhotes; gatos, gatas, gatinhos; patos, patas, patinhos; marrecos, marrecas e marrequinhos; perus, peruas, peruzinhos; ... Nunca vi machos adultos dessas linhagens assediando os recém-nascidos, os desmamados ou os jovens. Pelas minhas interpretações, as danças sensuais animaisescas iniciam com a maturidade dos animais domésticos.

Os pássaros machos assediam os filhotes nos ninhos?
Os passarinhos em treinamento de voo são
perseguidos por pássaros tarados? Quem já
presenciou alguma cena comprometedora? Existe
pedofilia entre tatus, capivaras, cotias, gambás,
lebres, veados, quatis, onças, leões, girafas, elefantes,
cobras, baleias, avestruzes, carrapatos, bagres,
hienas, chipanzés, gorilas ou micos?

Os animais selvagens seriam mais éticos que os
humanos? Mas, a ética e a moral não são preceitos
humanos? Pedofilia seria um ‘efeito colateral’ da
‘inteligência superior’ do Homo Sapiens? Os seres
humanos seriam mais animais e selvagens que
os ‘animais inferiores’?

COM VOCÊ, SOMOS TODOS SENHORES.

O vocábulo ‘*você*’ nasceu em berço nobre, como vocativo cerimonioso nos rituais diante de entes superiores. Entes, mesmo. Entidades, seres superiores criados e sustentados pela assimetria nas relações de poder; entidades que existem... enquanto acreditarmos.

Os senhores feudais, as autoridades eclesiásticas, os reis e os imperadores viviam em palácios, protegidos por guardas e cercados de cortesões irônicos, embusteiros e pretenciosos. Esbanjavam às custas do povo que trabalhava para sustentar as cortes; do povo que vivia miseravelmente sob ameaças constantes e na maior penúria.

Escravos, agregados, esposas e filhos não deveriam se dirigir diretamente aos seus ‘superiores’. Diante das ‘autoridades autoritárias’, os párias cumpriam rituais transcendentais: falavam com as divinas personalidades encarnadas por maridos, pais, sacerdotes e latifundiários. Os não-nobres simulavam respeito por esses semideuses prepotentes. Por ‘graças’ concedidas por esses ‘senhores’, por suas mercês, poderiam, eventualmente, receber ‘os favores’ que teriam direitos em uma sociedade igualitária.

Porém, ao longo do milênio, os desníveis sociais entre senhores e subalternos se desgastaram, reduzindo a oração *‘Vossa senhoria me permite a graça de lhe falar?’* a uma palavra ou, até, a uma única sílaba. A súplica servil pronunciada de cabeça baixa no linguajar popular contraiu-se, aos poucos, para ‘vossa graça’, ‘vossa mercê’, vosmecê, você e, ultimamente, na intimidade com o interlocutor, reduziu-se a ‘cê’. Cê me entende?

A sintetização da oração *‘Vossa senhoria me permite a graça de lhe falar?’* revela a diluição do sistema de castas do Tempo do Império em novas dissimulações brasileiras: “aqui, não há preconceitos”, “somos todos iguais” e “fomos [no passado] colônia política, econômica e linguística”.

Com a contração ganhamos, apenas, tempo nos discursos. ‘Você’, pronome de tratamento denotativo de submissão, substituiu o ‘tu’, pronome pessoal reto dito diretamente a quem falo. As falsas justiças persistem nos fingimentos de que tudo mudou nesses ‘tempos modernos’.

O ‘você’ passou a conviver com o ‘tu’ com tanta liberdade que chegou a suplantar o uso da segunda pessoa; atualmente, estamos todos com muita ‘graça’, todos somos ‘você’; senhorias que concedem graças (liberalidades) a quem tem ideias a comunicar, mesmo que sejam inferiores.

Se o ‘tu’ tivesse abarcado o uso do ‘você’, poderíamos dizer que teria havido um gesto de humildade da

nobreza descendo ao porão social e seríamos todos um ‘tu’ coletivo. Com a generalização do uso do pronome de tratamento ‘você’ para nos dirigirmos aos presentes, pode parecer que houve elevação dos ‘plebeus’ a iguais condições dos senhores. Porém, o povo continua tão submisso que nem merece a ‘nobreza de ser humano’.

A Língua revela a acomodação das estruturas da sociedade em moldes democráticos. Poderia ser indício de evolução da matriz social... a ascensão do povo a um espaço igualitário. Entretanto, o que o povo está fazendo com a Democracia... Essa é outra história.

ARTE OU MERCADORIA LITERÁRIA?

“O governo incentiva o consumo para aquecer a economia.” Obviamente, para arrecadar mais impostos. Ou seja, o consumo é um meio para atingir ganhos financeiros para alguns, pouco importando as consequências para as mercadorias e para os consumidores. Pela obsolescência programada, as mercadorias viram lixo tão logo surja um produto substituto e os consumidores entram na ciranda financeira de créditos caros e dívidas intermináveis.

Essa é a lógica da economia no regime capitalista: criar empregos para os empregados ganharem dinheiro para comprar produtos que gerem empregos, que injetem dinheiro no mercado consumidor, que aumente o bolo tributário, que alimente a ‘máquina administrativa’, que abriga cada vez mais serventuários públicos com funções indefinidas, que se escondem atrás de expedientes fechados e de assessorias parlamentares.

No entanto, enquanto os meios prosperam, os princípios e os fins definham; a máquina administrativa, a massa tributária, os depósitos em paraísos fiscais e as cortes municipais, estaduais e federais incham na mesma proporção em que aumentam os séquitos, os bajuladores, os cabos eleitorais e as favelas.

O modelo capitalista de desenvolvimento concentra o poder e a riqueza na mão de uma minoria e aglomera a população em centros urbanos (principalmente, na faixa litorânea), com orlas de pobreza dependente de biscates e de esmolas.

A indústria cultural age de modo similar: transforma as obras de arte em objetos a serem consumidos; coloca as obras de arte na mesma condição de mercadorias descartáveis e substituíveis. Os valores monetários superam quase que totalmente o valor cultural das obras de arte. As ideias materializadas em telas, cerâmicas, estátuas e textos passam a ser secundárias, tendo o valor financeiro fixado pela força de estratégias formuladas com a intenção de influenciar o consumo e manipular os consumidores. Como objeto da moda, as obras de arte e os artistas passam a girar na ciranda social nas mesmas condições de manufaturados e de empresas civis.

Como os objetos pessoais, as obras de arte guardam sentimentos únicos, invendáveis. Como posso vender as sensações que sinto diante de uma paisagem ou na presença de uma pessoa? Quanto devo ganhar pelas ideias que enfileiro nas páginas de meus livros? Elas foram escritas para despertar reações, interesses, sentimentos e desejos. Qual o preço dessas sensações?

Quem se apegua às ideias do autor guarda o livro como um tesouro que estará a salvo de descartes furtivos.

No entanto, muitos escrevem por dinheiro, como uma espécie de prostituição literária. Para esses escritores, os leitores são fonte de renda, ‘mercado consumidor’. Apostam na fama, mesmo que seja a fugaz glória de uma ‘noite de autógrafos’ ou os rendimentos produzidos mais pelas estratégias mercadológicas que pelo conteúdo de seus livros. A maioria das pessoas que comparece a cerimônias culturais, como noites de autógrafos ou academia de letras, pouco lê dos livros ganhos ou comprados. Por outro lado, os frequentadores dos sebos são leitores vorazes, porque estão sedentos de ideias e não de luzes sociais.

Os livros podem ser objetos culturais ou mercadorias a serem negociadas. Depende dos princípios, dos meios e das finalidades, nem sempre de escolha dos autores. Um escritor pode ter o lucro como princípio ou contar com os ganhos financeiros apenas como garantia de sua sobrevivência; pode escrever por encomenda ou estabelecer critérios éticos exigentes; pode seguir os padrões da indústria gráfica ou lutar por suas próprias convicções quanto ao conteúdo, à forma e à aparência de seus livros.

Os escritores que escolherem ser vendedores de livros devem trabalhar alinhados às demandas do mercado e ficar atentos à concorrência e aos temas transitórios que surgem e somem muito rapidamente, como escândalos, tragédias e comoções coletivas, tipo tempestades emocionais. Para capturar a atenção dos leitores, podem apelar

para os sentimentos represados e para assuntos polêmicos. Se o objetivo é obter fama, podem escrever por encomenda obras superficiais de fácil consumo, pouco se importando com o destino dos livros e dos leitores.

Assim, atrelados à indústria gráfica, podem vender milhares de exemplares e ficar famosos por períodos inversamente proporcionais à intensidade da fama; são bolhas literárias prestes a explodir a qualquer tempo, por isso necessitam de cuidados e proteção. Forma bolha o que cresce além do normal e tende a estourar ao exceder a elasticidade dos limites. Muitos escritores de sucesso são queimados na ‘fogueira das vaidades’.

Por outro lado, alguns escritores trabalham pelas obras em si, independentemente de sucesso comercial ou de custos irrecuperáveis. Escrevem com a intenção de registrar os fatos, as situações e as suas ideias, sem preocupações mercadológicas ou sonhar com inflações de vaidades. Escrevem pela simples necessidade interior de escrever, porque sentem prazer nisso. E, por serem exigentes consigo mesmos e por primarem pela qualidade em seus escritos, podem ainda influenciar muitas gerações, através de leitores fiéis e de discípulos que sigam os mesmos princípios ideológicos.

O GOSTO DO MAR

Antônio nasceu na serra, numa casa construída pela família, com a ajuda de outras pessoas dali. Logo que cresceu um pouco, ele também passou a ajudar na construção de casas. Fazia isso com prazer, porque seu corpo e seu espírito gostavam de atividade e de coisas novas, de coisas por aprender.

Da primeira vez, viu a casa como um todo e a construção como um trabalho só. Depois, percebeu que a casa está dividida em partes, que são construídas numa determinada sequência, durante determinado tempo. Assim, começou a pensar nas dimensões, na qualidade e no custo.

Antônio aprendia tudo sem esforço, porque entendia a razão de se construírem casas, porque sabia da necessidade de portas e de janelas e porque estava consciente da importância do alicerce. Mas, não aprendia apenas o que via.

Maria, moradora do lugar, teve oportunidade de viajar para o litoral e conheceu o mar. De volta, contou: O MAR É SALGADO. E todos, crianças e adultos, puseram-se a pensar: Porque o mar é salgado? Quem teria jogado sal no mar? Quanto sal foi necessário? Há quanto tempo isso ocorreu?

Ao ver Maria, todos se lembravam do mar e dessas questões todas. Ela se tornou um SÍMBOLO de O MAR É SALGADO. Não foi preciso decorar, aprenderam isso naturalmente. Mas, havia muita curiosidade e nasceram muitas dúvidas. Planejavam ir até a praia, procurar respostas para suas perguntas. Passaram ainda a provar as coisas para ver se havia mais coisas salgadas ou, até mesmo, com outros sabores.

Porém, passou-se muito tempo - gerações inteiras - e o conjunto de casas tornou-se uma cidade grande, onde as pessoas não se conheciam e as casas eram construídas por empresas e não mais por pessoas. As crianças não mais ajudavam construir casas e, delas, não mais sabiam distinguir as partes, o início e o tempo de construção. Também, não pensavam mais por que eram construídas, de onde veio o material e quem o produziu.

Na escola, ensinavam outra lição invariável: O MAR É SALGADO. E, nas provas, perguntavam sempre: “Que gosto tem o mar?” e “Quem é salgado?” E, como ninguém conheceu Maria, também ensinavam na escola que foi ela quem descobriu, em determinada data, que O MAR É SALGADO. Por isso, essas informações também faziam parte do estudo; parte da História do Lugar, que era preciso decorar e saber de cor.

As demais perguntas estavam proibidas e seria um sacrilégio alguém tentar separar o sal da água. Os conhecimentos do Livro Didático eram considerados

suficientes. Para se estudar mais, bastava repetir várias vezes a mesma lição.

Foi então que as crianças perderam o gosto pela escola e, não tendo interesse no sabor de um mar que não conheciam, não conseguiam aprovação, repetindo, além das lições, o ano letivo. A maioria desistia da escola, porque ela não tinha vida, tratando apenas de coisas sem uso no dia-a-dia.

Nessa escola, as crianças só aprendiam a verdade dos outros; ficavam alienadas.

FPOLIS25SET95

Esse texto nasceu após a leitura de "SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO", de SONIA M. P. KRUPPA.

E está no livro Maria Alfabetizadora, página 348.

<http://livrosdomariotessari.wordpress.com/maria-alfabetizadora/>

INTERESSES INTER-ESSES

Conhecer uma pessoa não é obra do acaso. Posso encontrar algumas ou várias pessoas, todos os dias, sem estabelecer, com elas, conhecimento; posso vagar pela multidão, sem fazer “novos conhecidos”.

O conhecimento, entre pessoas, se dá quando se fazem presente: se apresentam ou são apresentadas porque estão (ao menos uma delas) interessadas por conhecer. O apresentador não é dono do conhecido e nem o único que o conhece; foi um dos muitos que poderiam ter nos apresentado.

A partir desse contato, a pessoa passa a ser ‘uma conhecida’ a ser reconhecida em novos encontros. As relações se estabelecem re-conhecendo o já conhecido e, dela, conhecendo um pouco mais.

O aluno busca algo que não pode ser “dado”. O professor pode apresentar assuntos, temas, informações históricas e/ou científicas, técnicas, regras, valores morais ou culturais; pode despertar a consciência da importância das habilidades intelectuais para o desempenho social e das técnicas para o desempenho profissional; pode despertar o interesse do aprendiz pelo conteúdo programático. No entanto, o professor não é doador de interesse, de consciência ou de conteúdo.

Se o professor e o conteúdo passarem imutáveis pela sala de aula, não houve processo ensino-aprendizagem. Processo ensino-aprendizagem é relação entre elementos em desenvolvimento; todos se desenvolvem: o conteúdo, o aluno, o professor e os saberes de ambos.

O professor não é o dono do aluno e/ou do conhecimento; o professor apresenta um ao outro, porque já conhece o suficiente dos dois. (Ao menos, se espera que conheça...)

Inter-esses, acontece o conhecimento; interesse é relação desejada. Aluno, objetos a conhecer e professor são interlocutores e devem dialogar entre si. A troca de informações entre esses locutores produz educação.

Madrugada de segunda-feira, 12.02.07.

IDEIAS COLETIVAS

Por incrível que pareça, os problemas e as soluções didáticas continuam sendo os mesmos.

A maioria dos instrutores, treinadores, professores e facilitadores ainda continua “dando aula” para si mesmos. Doam ou vendem, sem entregar, o ‘saber deles’, a sabedoria particular. Ou seja, a maioria se coloca como centro do processo. Mais que isso: se coloca como quem sabe.

As tecnologias estão cada vez mais diversificadas e mais aprimoradas. Todavia, a didática (pedagogia ou competência oratória) é muito mais um modo como os profissionais buscam, organizam e aplicam as tecnologias, os conteúdos, os fazeres, as pesquisas ou experiências do que a soma de genialidade, tecnologia disponível e sabedoria acumulada.

Existe um número estatístico que aponta para 16% de alunos ou professores realmente conscientes de suas funções e de suas responsabilidades. Essa era a parcela da população que estava na escola antes de 1967, ano da reforma do ensino que passou a considerar obrigatória a matrícula de todos os jovens de 7 a 14 anos. Atualmente, 16% dos alunos e dos professores continuam na escola por opção; os demais, por obrigação.

O som da própria voz seduz e dificulta imensamente a ação do pedagogo ou de qualquer um que se propõe a ensinar algo pelo canal da fala.

Nossos movimentos também nos encantam; somos vaidosos e acometidos de narcisismos, permanentes ou temporários. Como vencer o narcisismo e chegar aos outros? Como dosar nossa necessidade de expressão para que ela sirva ao intuito de ensinar?

O poder sempre é sedutor. Políticos, professores e sacerdotes recebem muito poder e – no mais das vezes – confundem a importância da atividade com a importância pessoal, provavelmente, bem menor. Por exemplo, um locutor de rádio ou de televisão acaba envolvido pelo poder da palavra ... que nem é dele, é alheia, escrita pelos redatores, lida e logo esquecida. O poder é da média (mídia). Entretanto, muitos se iludem pensando que eles ‘são O Poder’.

Eu mesmo, ao escrever, preciso ter consciência de que as ideias são sempre obras coletivas, geradas no embate intelectual, e não individuais, como que espontâneas. Não. Nunca. Sem o desafio, nós dois – e todos os demais humanos – não pensaríamos, falaríamos e escreveríamos textos edificantes. Você é provocação. Eu sou provocação. Os fatos nos provocam e ... no confronto das opiniões, construímos ‘grandes’ ideias. Por isso, os que não aceitam contradições nada criam. Para germinar, a criatividade precisa do diferente, do oposto, do inusitado, do ridículo, do incompleto... O inédito nasce da diversidade e da discordância.

13.03.2018

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Algumas pessoas nascem com propensão para a engenharia, para a medicina ou para o magistério.

Leonardo Da Vinci demonstrou, desde criança, aptidão para desenho, pintura, engenharia, medicina, pesquisa científica, ... Porém, na Idade Média, havia poucas escolas; por isso, ele estudou por conta própria; foi autodidata. Para acumular experiências e formular teorias, passou uma longa vida observando a natureza, os fenômenos físico-químicos, a fisiologia dos animais e as doenças. Se tivesse vivido no Século XXI, teria desenvolvido as habilidades e os conhecimentos científicos em bem menos tempo.

Escolas não inventam ou fabricam artistas, aviadores, educadores, engenheiros, médicos, políticos ou psicólogos; os cursos acadêmicos não são forjas que prensam pessoas genéricas em moldes específicos desta ou daquela profissão. As faculdades de medicina não constroem médicos a partir de indivíduos selecionados por sorteio de uma população indiferenciada. Os cursos de formação profissional organizam e dão suporte aos que, com predisposição, se interessam, procuram e frequentam as aulas. Com o auxílio da escola, as pessoas com vontade de cuidar da saúde, de si mesmas ou de outras pessoas, e de identificar e de erradicar doenças desenvolvem as capacidades

inatas para o exercício da medicina e aceleram a formação médica profissional.

Da mesma forma, as escolas favorecem e aceleram a formação de administradores, artistas, comerciantes, educadores, engenheiros, escritores, motoristas, professores, vendedores, ...

MERCADO DO MAGISTÉRIO

No dia que antecedia a concretagem da laje superior de nosso sobrado, perguntei ao Adejaime, o construtor: Posso chamar um amigo ou dois pra ajudar nesse desafio?

Percebi que a proposta desagradou. Ele contrapôs:

“A equipe já tá completa. Se tiver mais um, ele vai tá folgado e começa a conversar com quem tá trabalhando. Aí, esse, então, se escora na ferramenta e entra na conversa... Os outros quatro vão se achar no direito de se encostar também... E eu tenho de parar meu serviço pra chamar a atenção dos dois. Fica ruim pra todo mundo.”

Lembrei disso quando li as notícias

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-10/mec-quer-colocar-auxiliares-em-sala-de-aula-para-melhorar-alfabetizacao>

<https://novaescola.org.br/conteudo/7067/nova-politica-do-mec-coloca-assistentes-de-alfabetizacao-nas-escolas>

e fiquei ainda mais preocupado.

Acrescentar professores em sala de aula é como colocar excesso de ajudantes de pedreiro, mais locutores em emissora sem audiência, dois ou três motoristas para melhorar o desempenho de automóveis ou mais vendedores em lojas falidas.

Pouco resolve dar um carro para quem não sabe para onde ir e dar escola multimídia para aluno que não vê função na leitura, na escrita e na matemática.

Os filhos de pessoas que usam intensamente essas tecnologias ‘educacionais’ aprendem ler, escrever e calcular bem antes da ‘idade escolar’. Quando os pais e a família não percebem benefícios no saber acadêmico, de nada adiantará estender os períodos letivos ou entulhar a escola de ‘profissionais’, três diretores, cinco secretários e oito supervisores. Essa é uma estratégia capitalista que amplia o mercado de trabalho, ‘valoriza a profissão’, complica a gestão, gera confusão e atrasa a aprendizagem.

Precisamos mudar a Sociedade, os governos e o povo. Principalmente, o povo. E não fazer mais o que a realidade mostra ser um equívoco.

Fica muito difícil convencer alguém a andar a cavalo numa época em que sobram motocicletas e automóveis. As possibilidades e as formas de aprender mudaram; a ‘escola’ continua a mesma do tempo do lampião a gás. Ninguém aprende por decreto. Sobram ameaças e projetos mirabolantes.

Ampliar a hospitalização e a escolarização gera mais problemas que soluções. É preciso analisar quem lucra com a doença e com a ignorância.

Há pouco investimento e incentivo para que a população tenha acesso à alimentação adequada ao bom funcionamento do corpo e desenvolva atitudes saudáveis, privilegiando o cultivo da saúde em vez

de sofrer exploração pelo medo de adoecer e de morrer.

A Rede Particular de Ensino contrata profissionais por melhores critérios.

Vamos mudar o Brasil?

26.10.2017

Nota: Magistério, lat. *magisterium*, *li*, dignidade, ofício de chefe; meio de curar, tratamento'...; 'autoridade doutrinal'.

COLONIALISMO DIDÁTICO

Aproveito o título da Deutsche Welle¹, a entrevista de Michael J. Sandel² para Pablo Guimón e minhas conversas com Cecília Kotzias e com Maria Elisa Ghisi para expor ideias sobre a função das escolas na reprodução das classes sociais. Agradeço as contribuições.

As pessoas podem aprender sozinhas, por incentivo e orientação da família, na parceria com outros aprendizes ou recebendo as informações científicas ministradas por professores em instituições de ensino. Podem aprender por curiosidade e podem, intencionalmente, pesquisar, experimentar e/ou tentar aprender por necessidade, para resolver um problema. Podem ser obrigadas a aprender por pressão dos familiares ou por determinação legal. Podem aprender práticas e desenvolver habilidades; podem descobrir e inventar. Podem aprender teorias proveitosas ou ... inúteis.

Aprender faz parte do estar-no-mundo, do estar-vivo. Todos os seres vivos aprendem. Os humanos aprendem durante toda a vida, mesmo que inexistam governos, ideologias e instituições escolares. O aprender é inerente à natureza humana.

Mesmo sendo natural, o aprender pode ser usado para influenciar pessoas e/ou exercer dominação social, nas famílias, nas comunidades ou nas nações. Os indivíduos dominantes (ou os que pretendem dominar) utilizam o aprender para disciplinar os submissos, para submetê-los ao seu controle, cuja

intensidade e volume exercidos determinam o grau de liderança e o grau de autoridade.

Podemos considerar que a aprendizagem conduzida receba o nome de ENSINO (*transmissão de princípios que regulam a conduta humana e a vida em sociedade; educação [Houaiss]*).

Ensino familiar (pelos pais e avós), ensino tribal, ensino empresarial e ensino religioso podem ser exemplos de ensino informal, tácito, ‘privado’, restrito, facultativo. Cada clã, comunidade ou sociedade exerce o direito de promover e de aperfeiçoar sua cultura (*conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, ... que distinguem um grupo social [Houaiss]*).

Por outro lado, o ensino oficial obrigatório é ferramenta governamental para ‘uniformizar’ a população, com o objetivo de controlar as índoles e de orientar a formação técnica, moral e cívica das futuras gerações. Educar, disciplinar, treinar, submeter, premiar e/ou subjugar para transformar crianças livres e alegres em cidadãos obedientes, sérios e produtivos.

Os ensinos informal e o oficial são fundamentais para a convivência harmônica das pessoas em busca de melhores condições de vida. Nenhuma delas ocorre isoladamente; uma não exclui a outra; sempre se espera que se complementem. E, se houver sincronia entre essas duas ações educativas e se todas as

crianças forem educadas em igualdade de condições, cada geração gozará de avanços técnicos e sociais.

No entanto, sempre houve, há e haverá luta pelo poder. E, quanto maior o conjunto de indivíduos sob o mesmo comando, maior a manipulação dos sistemas de ensino, seja no direcionamento estratégico, na exploração do trabalho, na coação por ameaças, na coerção de movimentos sociais ou na extorsão de contribuições e de impostos.

Ainda dentro da liberdade de analisar, podemos considerar a educação informal como oficina de artesanato em que o mestre-artesão permite que os discípulos opinem, inventem e modifiquem os processos e os produtos; em oposição ao ensino ‘industrial’ que esmerilha cada criança para produzir ‘cidadãos em série’, meras peças da engrenagem política ou da lógica capitalista.

Em uma ‘escola artesanal’, a imaginação e os sentimentos das crianças podem criar obras inéditas, imprevisíveis, raras, até. Porém, esses artesões podem fugir do controle militar e/ou policial dos governantes e podem ‘contaminar’ o mercado com produtos irregulares, incomuns ou extraordinários.

Por outro lado, a produção em série, padronizada e com o descarte de ‘peças anormais’, facilita a ‘comercialização’ de ideias e de mercadorias. A palavra ‘padrão’ vem de ‘pedrão’, medida rígida estabelecida como modelo. Na Idade Média, os padrões de peso e de comprimento eram pedras

‘oficiais’ que serviam de referência para aferir balanças e instrumentos de medição. Como se as pedras fossem imutáveis e, por isso, garantissem a regularidade das medidas.

A indústria alimentícia deve respeitar padrões em todos os aspectos, para fornecer alimentos idênticos. Com mesmo peso, mesmo gosto, mesma cor, mesmas substâncias, ... Ou seja, comida sempre igual, repetida, sabor invariável, sem surpresas.

Por outro lado, os cozinheiros amadores, inconstantes ou indisciplinados, desrespeitam as medidas, manipulam e/ou substituem os ingredientes, alteram o ‘modo de fazer’ e adulteram as receitas. Cada bolo será inédito e surpreendente. Assim como os demais assados, cozidos e crus que mastigamos e engolimos.

Paradoxalmente, queremos que nenhuma ‘iguaria’ seja ‘igual’. Por que haveríamos de querer que todos os adultos sejam semelhantes, uniformes, insossos, padronizados?

Só existe Ciência nas clausuras do ensino oficial?

Com as abelhas-sem-ferrão e na culinária, nós praticamos e desenvolvemos “conhecimento científico”. O método científico pode ser usado por qualquer pessoa; o cientista não é o dono do método. E o ‘método científico’ não é de ‘uso privativo do cientista’. O “conhecimento científico” não é privilégio para diplomados por ‘universidades’.

“A realidade está grávida de seu contrário.” A “Universidade” não é universal. Ao contrário, é elitista, privilégio de poucos. Tampouco, contém o saber universal. “Didaticamente”, seleciona as informações que melhor escondem o enigma do poder. Polinômios, por exemplo. Ou a lista de presidentes de uma república. Informações sem serventia... que, entretanto, mantêm as mentes ocupadas e alienadas.

Ah! O objetivo é a socialização das crianças. Será que o grau e a qualidade da socialização dependem diretamente do tamanho do rebanho? Digo, do tamanho das turmas e/ou da escola?

A socialização da criança ocorre no contato com os educadores e educandos. Estejam eles ligados pela Internet ou presos em salas de aula. As crianças (os jovens, os adultos e todos os seres vivos) aprendem envoltas em uma determinada realidade. Se as escolas forem depósitos de crianças, as crianças aprenderão a ser depósitos dos códigos de quem os deposita: autoridades, pedagogos ou pais. As crianças serão depositárias da cultura depositada.

Estudar numa ‘escola grande’ não garante um grande número de amigos. Viajar no ônibus escolar e participar da baderna coletiva parece não contribuir para a convivência cooperativa e harmônica dos futuros adultos. Ao contrário, a competição, o bando, o bullying, o individualismo, a solidão, a timidez, a vergonha, as críticas, a gozação, ... a necessidade de acompanhar o rebanho arrasa (torna rasas, nivela)

as individualidades. As multidões nos anulam. Quanto maior a multidão, mais oprimido me sinto.

Os limitados contatos com poucos colegas e com os orientadores podem suprir nossas necessidades de afeto, de estímulo e de segurança bem mais que as intensas e ilimitadas gritarias das manadas escolares e dos discursos das complexas equipes pedagógicas dos grandes educandários. Quanto maior o exército, mais forte seu comandante, mais insignificante a importância do soldado.

Penso que a escola sonhada pela Cecília seja espaço propício ao desenvolvimento de relações limitadas, porém, reais, verdadeiras, respeitadas, interessadas, cooperativas e suficientes para construirmos “uma sociedade mais justa”.

Desde tempos imemoriais, as elites detêm os segredos intelectuais: feiticeiros, sacerdotes, ... doutores, juízes, ... A casta dominante recebe a ‘senha’ e a autorização (o diploma), mediante o ‘sacrifício’ de – muitas vezes – passar aulas ouvindo o ‘professor’ ler, durante um semestre escolar, sua tese de mestrado ou de doutorado.

Onde se concentram os títulos de doutorado? Nos hospitais (quarteis das doenças)? Não. No Fórum da Comarca (quartel das arbitrariedades)? Não. Se concentram nas ‘universidades’ (quarteis das diplomações acadêmicas). Cartórios da Ciência.

O título da terra, o título do conhecimento científico; a escritura pública, o diploma. Títulos oficiais, não

testes de proficiência. O Jorge tem amplo conhecimento de mecânica... se prestar exames de proficiência, será aprovado... sem ganhar título de Engenheiro... que gera status e dinheiro. O Gilson e o Gilvan são muito eficientes na função que exercem: coordenar equipes com elevado desempenho. O Gilvan tem o título de capacidade...

Terreno de posse vale menos. Terreno com escritura pública registrada vale muito mais. A utilidade do espaço permanece a mesma... Conhecimento científico COM DIPLOMA, título de sabedoria, rende mais... Todo conhecimento é muito útil.

As hortas comunitárias podem ser exemplos de campos experimentais com sucesso... por usarem conhecimento científico... não titulado... Quem certifica a Ciência do horticultor? Do caminhoneiro, do cozinheiro, do mecânico, do cabeleireiro, ... A trupe do Circo Torricelli é genial e ... não certificada... Não receberam diplomas.

Somos colônia norte-americana e podemos ser agentes, instrumentos de colonização. Temos que decidir entre seguir Donald Trump ou ouvir José Pacheco. Perigoso estar com um pé em cada continente. Mais que isso: com um pé em cada conteúdo ou com um neurônio em cada ideologia. E sobre o abismo social. Trump recolonizando e Pacheco tentando descolonizar.

As leituras de Marguerite Duras e de Mia Couto, além de surpresas literárias, revelam as tragédias do

colonialismo francês na Cochinchina (Vietnã) e do colonialismo português em Moçambique. Leio as verdades históricas e não os estilos contundentes. Os dois “escrevem poesia”; eu leio o sofrimento humano causado pelo poder humano: as elites cultas explorando os escravos da ignorância... do ponto de vista dos colonizadores. Os vencedores que pouparam a vida dos derrotados se tornaram – moralmente – donos da vida deles.

Enfim, sonho que a pandemia do Covid-19 condene a escola tradicional ao passado e que consigamos evitar a reprodução comportamental da sociedade de consumo através da “linha de produção” dita “científica”, da formatação em série de pessoas ‘produtivas’, competitivas e vencedoras. A escola aceita e defendida pelos políticos são verdadeiras ‘fábricas de papel’, que fabricam e acumulam livros didáticos, monografias, teorias e diplomas (*documento oficial que concede um direito, um cargo, um privilégio [Houaiss]*). Espero que a pandemia do Covid-19 acabe com esse modelo industrial. Espero que as crianças se eduquem sem serem educadas.

Enfim, sou um louco com uma lanterna e com uma lupa... Um antropólogo de mim mesmo... procurando uma sociedade igualitária, sem sacerdotes e sem analfabetos.

1 - Deutsche Welle, em 11.10.2020

<https://www.terra.com.br/noticias/colonialismo-nos-livros-didaticos-a-historia-dos-vencedores.22050d5b0002c3b6995db2401949cff4vv7r8jvl.html>

2 - Pablo Guimón, do jornal El País, entrevista Michael J. Sandel
Brasil.elpais.com, em 12.09.2020

ILUSÃO DE PODER

Alguns pais plantam na mente dos filhos preferidos a convicção de que são especiais: seres superiores, com direito de mandarem e de serem obedecidos. Dentre os formados na Escola da Arrogância, muitos podem desenvolver uma doença difícil de curar: Ilusão de Poder.

Se os pais, em contrapartida, impusessem exigências e estabelecessem limites, os egos seriam podados segundo a técnica agronômica que recomenda para as árvores frutíferas: podas de formação, podas de limpeza, podas de excessos e podas de frutificação.

Se bem podados e disciplinados pela Educação para a Responsabilidade, os filhos poderiam desenvolver habilidades manuais, intelectuais e profissionais e, se compensassem a arrogância com doses de senso de realidade e de humildade, seriam úteis em todas as organizações sociais. Assim, no mundo, haveria menos insolentes, déspotas, prepotentes e tiranos.

Crianças que crescem sem limites e com o apoio irrestrito da família se acostumam a explorar os pais, os irmãos, os parceiros de brincadeiras, os colegas de escola, os namorados, as empresas onde trabalham e as instituições que frequentam.

Esses onipotentes crescem, vivem e morrem com a ilusão de que tudo podem e de que todos obedecem.

QUEM PENSA QUE SABE NÃO APRENDE

Dessa afirmação, derivam as duas correntes pedagógicas: a dos que se consideram sabedores do que ensinam e a dos que trabalham para que os alunos aprendam. Os primeiros independem da aprendizagem, porque são detentores de conteúdos imperdíveis; isto é, do ponto de vista deles, no ato de ensinar, nem ganham nem perdem conhecimentos. Os segundos consideram que o objetivo da Educação é a aprendizagem do aluno: o aprendiz deve ser o núcleo do processo. Sabem e comemoram que aprendem tanto ou mais que os alunos.

Os ‘sábios’, que ‘sabem o que ensinam’, esperam encher os alunos de sabedoria, nas ‘escolas de professores’. Por outro lado, quando os profissionais da educação trabalham para que todos aprendam (inclusive eles), haverá ‘escolas de alunos’.

No primeiro caso, a tarefa é fazer com que os alunos apreendam o que é ensinado e que retenham os ensinamentos que foram ‘carimbados’ neles: devem zelar pelas informações impressas na memória e devem lembrar eternamente dos ensinamentos decorados como imagens das páginas de um livro. Independente do lugar em que se encontrem os alunos ou dos interesses individuais, todos recebem

as lições padronizadas, que devem permanecer imutáveis.

No segundo caso, as tarefas coletivas, são selecionar o que o aluno precisa aprender, descobrir como o aluno aprende, criar condições para que o aluno entenda a necessidade de aprender, desenvolver métodos de estudo, para que o aluno aprenda de forma agradável, com facilidade e de forma eficiente, compreendendo o que aprendeu, como aprendeu e quais as estratégias que usou para aprender.

Assim, aprende o que necessitava saber e saber fazer o suficiente para um bom desempenho individual, social e profissional. E, o mais importante, aprende a aprender.

Desta forma, a pessoa é estimulada a desejar o aprendizado, a selecionar o que aprender, escolher os caminhos e os níveis de aprendizagem; isso tudo sem ter de ‘armazenar sabedoria alheia’. Saberá desenvolver o saber e não precisará ‘guardar o saber de memória’. A escola será uma referência positiva e a aprendizagem será um procedimento utilizado a vida toda.

Os professores, os cursos e as escolas utilizam estratégias das duas correntes pedagógicas. Raramente, serão excludentes; as filosofias de Educação, apesar de contraditórias, são utilizadas em doses variadas por cada agente educacional.

HISTÓRIA NOSSA DE CADA DIA

Quem escreve pode registrar, no mesmo formato, diferentes acontecimentos ou, de forma diferente, os mesmos acontecimentos. A primeira afirmação se refere ao estilo e/ou à formatação do texto sobre uma ideia inédita; a segunda admite possibilidades de versões diferentes para a mesma ideia.

Podemos escrever fatos, acontecimentos, notícias, reportagens (que nos reportam a algo), fórmulas, receitas, hipóteses, teses, teorias, interpretações, poemas, crônicas, contos, romances ou ficções.

Apesar de parecer que só algumas da lista sejam invenções literárias, todos os textos registram o que o escritor imagina (imagem mental apresentada). Mentiras e verdades são frutos da imaginação humana. Mesmo as fórmulas e as teorias. Todo texto escrito tem alguma base ou destino no mundo real e diferentes doses de invencionice para preencher lacunas, chamar a atenção ou convencer o leitor.

Realidade, fantasia e intencionalidade são usadas na produção de textos literários. As doses de cada componente serão determinadas de acordo com o objetivo do autor. Às vezes, de forma inconsciente, os escritores deixam a subjetividade mascarar o objeto para atender aspectos técnicos ou interesseiros.

O léxico informa que ficção é *“ato ou efeito de fingir; formação, criação, suposição, ...”* Imagino que seja recriar os fatos, reconstruir a narrativa histórica, *“com intenção objetiva, mas que resulta de uma interpretação subjetiva de um acontecimento, fenômeno, fato etc”*. (Dicionário Eletrônico Houaiss)

Os historiadores – do gênero masculino, raramente do feminino – advogavam autoridade histórica, convencidos de que, ao escrever livros de História (com H maiúsculo), prestavam importante contribuição acadêmica à Humanidade.

A maioria advogava, pois, muitos deles já passam a admitir que a História possa ser considerada uma obra de ficção, mesmo que seja de ficção parcial: meias-verdades e meias-mentiras, baseadas em fontes ausentes e interpretações convencionais.

Historiadores opinam sobre fatos históricos. Escrevem e reescrevem a História, interpretando informações alheias; raríssimas vezes, presenciaram algum dos fatos narrados. Em geral, reescrevem, em outro estilo e segundo ideologias atuais, o que autores anteriores registraram como dado histórico, em condições similares.

Os documentos históricos são fragmentos da História: textos que foram gerados e publicados dentro de contextos pouco conhecidos ou, até mesmo, camuflados.

Portanto, o documento histórico é apenas a síntese oficial de um evento muito maior, mais amplo e mais complexo que a coleção de palavras que sobreviveu.

Além do que, as análises e as interpretações posteriores podem reinventar o fato histórico, possivelmente, com grandes distorções em relação ao que de fato aconteceu.

Quais os objetivos e quais as forças sociais que nortearam a edição do documento? Mesmo os verdadeiros. Há provas de que muitos documentos antigos são textos falsos inventados séculos depois para justificar arbitrariedades.

A Bíblia talvez seja uma antologia que reúne um conjunto de interpretações de fragmentos da oralidade e das escritas ideográficas ou pictográficas. A oralidade agrega subjetividades a cada transmissão; ideogramas e pictogramas são linguagens abertas a interpretações sérias, ingênuas ou tendenciosas.

No Curso de História, no início da Década 1970, tentaram me convencer que Heródoto – o “Pai da História” – comparecia a todas as batalhas com o objetivo de narrar com fidelidade as guerras gregas. Será? Viajava de helicóptero? Por sorte, jamais saiu ferido... Cabeça de Vaca e Karl May descreveram minúcias de suas viagens imaginárias pelas américas. Como que uma comitiva, no Século XVI, teria ido a pé pela mata da foz do Itapocu (Atlântico) a Asunción (Paraguai) em dezenove dias???

Escreveram com convicção. Talvez, baseados em relatos de outros que – de fato – estiveram no continente americano... Cabeça de Vaca convenceu reis a entregarem dinheiro e Karl May vendeu muitas cópias de suas histórias fantásticas. Cabeça de Vaca e Karl May forneceram fantasias terrenas para os cristãos europeus.

E, no Curso de Psicologia, no início do Século XXI, tentaram me convencer que a anamnese desvenda o passado; que as anamneses são fatográficos dos acontecimentos pessoais: que as anamneses são registros gráficos de fatos concretamente vividos.

Anamnese, na filosofia platônica, seria *“rememoração gradativa através da qual o filósofo redescobre dentro de si as verdades essenciais latentes que remontam a um tempo anterior ao de sua existência empírica”*.

Consistiria em *“esforço progressivo pelo qual a consciência individual remonta, da experiência sensível, para o mundo das ideias”*. (Dicionário Básico de Filosofia, Hilton Japiassú e Danilo Marcondes)

Remonta: re-monta, junta os cacos, reconstrói a história. Reinventa a realidade. Realidade que, segundo algumas teorias, já é invenção individual. Como arqueólogos que reconstroem o corpo ancestral com base na anatomia e nos desgastes de um dente e, em seguida, baseados no espectro que eles mesmos criaram, ‘reconstroem’ toda uma civilização. Generalizam as anatomias e as culturas pré-históricas a partir de um fragmento.

Pura ilusão pensar que, ao ouvir uma regressão, estamos visitando o passado autêntico. Do grego, amnésia, ausência de memória. No entanto, psicanalistas e ‘pacientes’ acreditam. Ainda bem que os psicanalisados têm paciência... e fé.

Meu senso de realidade alerta que dezesseis jornalistas, ao relatarem um acontecimento, escreverão dezesseis reportagens diferentes, colorindo os fatos com seus pontos de vista. Contemplarão as cenas da posição em que estiverem, baseados em crenças pessoais, atendendo convenções sociais e regras de grupos interativos, guiados por convicções políticas, em busca de objetivos imprecisos: o futuro desejado. A maioria deles mencionará o que ouviu dizer, o que as fontes informaram... por critérios outros, quase sempre, subjetivos.

Na meia-idade, passei uma década sem revisitar minha Terra Natal. Quando regressei, ‘as curvas do rio estavam diferentes, com tamanhos, dimensões e direções que contrariavam minhas propaladas lembranças. Apenas o sentido da correnteza era o mesmo.’ Porque, meus sentidos mostravam que o que eu havia sentido, guardado e contado a tantos ... era o que eu sentia ao contar o passado, ao descrever o ausente. Ao falar para quem nunca esteve lá, eu descrevia minhas nostalgias e não as situações e os acontecimentos reais vividos no passado.

Minha mente – sem más intenções ou segundas intenções – contava meias-verdades, verdades

parciais ou, até mesmo, inventava histórias, interpretava cenários e fatos, procurando dar veracidade e brilho às minhas ingênuas lembranças.

Se até eu mesmo me assusto com variantes, atalhos, desvios e volteios que, involuntariamente, crio, vamos imaginar as possíveis transigências de um repórter que se reporta a lugar que nunca esteve e a experiência que nunca viveu... Mesmo que o jornalista esteja presente em todo o transcurso, sempre descreverá as impressões e as intenções pessoais ou os mandados do editor, do dono do jornal, do dono da revista, chefe do partido político, do comitê científico, ...

Os historiadores registram ‘oficialmente’ as opiniões deles sobre o que aconteceu no passado; alinhavam as informações que coletaram, preenchendo os vazios do quebra-cabeça com suposições de enredo histórico. Como meteorologistas que tentam prever as variações climáticas, sem jamais se reportarem às previsões erradas...

Todos os textos escritos contêm doses de ficção; quanto mais convincentes, mais fictícios podem ser. O perigo do convencimento está em encantar o leitor com aparências de realidade. Basta recortar e comparar afirmações de um mesmo livro de História para encontrar discrepâncias e, até, contradições.

Quando leio poemas, contos e romances escritos por pessoas com quem convivi, percebo a distância entre o que eles dizem que viveram (e escrevem em seus

livros e autobiografias) e o que de fato aconteceu. (Ou eu também estarei divagando?) Se eu fosse louco de tomar como realidade o que escrevem meus colegas escritores, estaria corroborando e colaborando para convencer os leitores de que aquilo foi – de fato – o que aconteceu e que, naquela época, as pessoas viviam daquela forma. Que o mundo teria sido aquele. Sim. Em parte, pode ter sido. Os floreios são fantasias.

Se não devo confiar nem na minha memória do que vivi, como vou confiar no que os outros escrevem do que os nossos ancestrais viveram? Se minha memória trai a mim mesmo, quanto posso enganar a quem lê o que escrevo?

Então, nas redes sociais ... precisamos ler com espírito crítico.

HISTÓRIA ANTROPOLÓGICA

– Mas, então, como as mandaçaias se defendem, se elas não têm ferrão? – perguntou o menino.

– A triste resposta talvez não responda tua pergunta. Nós destruímos tudo o que não se defende.

Havia muitas espécies de abelhas nativas, que produziam mel saboroso, nutritivo e, até, medicinal: bugia, guaraipo, mandaçaia, manduri, mirim, tubuna. Como elas não picam, não se defendem com armas, nós – da espécie *Homo Sapiens Sapiens* – as destruímos... As que hoje estão aqui foram trazidas de longe, de onde ainda não haviam sido extintas.

Muitos jacarés viviam em nossas lagoas e nossos rios. Matamos pra comer, acabamos com eles. Eles não usavam espingardas ou arpões, nem tinham mãos; se defendiam apenas com seus dentes.

Aqui onde agora passa essa estrada municipal, havia uma lagoa, com muitos peixes. A lagoa ‘não soube se defender dos tratores que ‘removem montanhas’. Os *Sapiens* têm tratores e, com eles, aterram vales, nascentes e lagoas; um homem endinheirado, aqui ao Sul, comprou as pequenas propriedades e enterrou árvores e casas: “aplainou o terreno”, “limpou tudo”. As grandes nascentes secaram...

As densas matas que aqui havia, com grandes cedros, canelas e perobas, foram derrotadas pelos machados, pelas serras e, mais rapidamente, pelas motosserras e pelas serrarias. A floresta retinha a água das chuvas, que era liberada aos poucos em cristalinas nascentes. E abrigava muitas aves: mutuns, perdizes, pombas, nhambus e urus; algumas com até cinco quilos. Patos do tamanho de um peru... Nenhuma dessas aves usava espingarda pra se defender ou pra caçar humanos. Por isso, acabamos com a maioria delas... E, das árvores, nem sobrou semente; agora, compramos sementes pela internet...

O Rio Itaguá já foi bem mais que esse córrego sujeito a enxurradas... por estar com as margens nuas... Derrubamos as matas ciliares pra fazer carvão, lenha, fogo. Pra onde foram os peixes que alimentaram os índios e os primeiros moradores?

Menino, nós somos da espécie SS; nos consideramos os sábios dos sábios. Nós sabemos tudo sobre sabedoria... Lembra dos SS nazistas? Armados, eles 'matavam os seres inferiores'. Como nós – seres superiores – destruímos animais inferiores... abelhas nativas, por exemplo.

Nossa Nação voltou a se armar... de mentiras, inclusive. Depois de destruir a Natureza, estamos começando a destruir a nós mesmos. Matamos, primeiro, os mais fracos; e seguimos matando... talvez, até o penúltimo forte...

O cacique Tuba-Nhorõ, o 'Pai Feroz', vendeu os fracos, as mulheres, as crianças, ... Quando só restava a SS dele, os colonizadores o convidaram pra festejar o sucesso 'do empreendimento'; embebedados, foram amarrados e levados – também eles – como escravos. Porém, desta vez, sem pagamento.

Os povos nativos seguem sendo violentados e mortos. Como foram os neandertais... hoje, extintos.

Em breve, poderemos ser a última geração da espécie Homo Sapiens Sapiens...

Talvez, o último capítulo da História Antropológica.

PROFESSOR DE HISTÓRIA

Na infância, encantou-se pela magia das histórias; via nelas mais que a realidade: eram essências cristalinas da vida. Sonhou ser arauto: aprendendo, sabendo, criando e divulgando ‘a verdadeira verdade’. E, como tudo o que acreditamos pode se tornar realidade, tornou-se Professor de História.

Embriagado com a própria convicção, lia, publicava, transmitia e professava os textos históricos; acreditava piamente que aquelas palavras eram expressões de verdade: a História era a realidade do passado vista no presente como se fosse um conjunto de documentários gravados diretamente nas fontes das informações.

Porém, de tanto recitar, começou a perceber que havia versões diferentes e até contraditórias do mesmo fato histórico. Com um pequeno esforço mental, constatou que a História não era uma coleção de fatos da realidade passada; mesmo que ainda acreditasse que os livros de História continham relatos de quem viu os fatos acontecerem.

Em dado momento e a contragosto, constatou que o historiador era um advogado de si mesmo, que defendia a qualidade e a originalidade de suas autorias, que lhe outorgavam méritos publicitários e

direitos econômico-financeiros. No entanto, a originalidade estava apenas na edição dos livros e das revistas, porque o historiador contava o que tinha lido ou ouvido de outros.

Ou pior: poderia estar defendendo o que os outros inventavam. De muitos outros. De uma cadeia de ‘historiadores’; pois os textos eram transcrições da realidade ocorrida. A História acabava sendo uma sequência de ecos, tão longa quanto a distância entre as remotas origens e as edições recentes das velhas informações. A cadeia de ecos ganhava a amplitude da antiguidade histórica. Cadeia, nos dois sentidos.

Caía por terra o mito de que o historiador era a fonte primária dos fatos oficiais; o historiador seria apenas mais uma etapa do registro histórico, montado com base em fontes secundárias, terciárias, quaternárias, ... até perder os elos dessas fontes artificiais.

Concluiu, a contragosto, que o historiador era um bom contista da ficção da realidade passada. Mais adiante, ficou chocado com a certeza de que a História poderia ser totalmente fictícia, inventada a partir de indícios: fragmentos, sonhos, quimeras, ilusões e más intenções. Era como montar um australopiteco a partir de um pedaço de dente.

Finalmente, caiu na realidade e constatou que professava, com fanatismo, histórias de fadas, histórias de terror, histórias eclesiásticas, histórias militares, histórias sociais, histórias políticas, ...

Verdades literárias, verdades políticas, verdades bíblicas.

Concluiu que todas as histórias da História poderiam ser contadas em muitas versões, conforme as necessidades dos poderosos e que ele – Professor de História – era apenas um instrumento de enganação no processo de dominação das massas.

Soube ainda que as pessoas usavam a História para formar, conquistar, manter os poderes. Cada vez mais poderes ainda, atormentando os outros com mentiras históricas. E, antes de morrer, envergonhou de saber que era apenas um discurso em si mesmo.

Observações:

1. As massas humanas são as mais fáceis de cozinhar.
2. *“Enquanto os leões não aprenderem a escrever, as caçadas serão descritas pelos caçadores.”* Provérbio Africano, que traduzo para: Enquanto os cães não aprenderem a falar, as histórias serão contadas pelos cachorros.

SOCIALISMOS BRASILEIROS

fr. socialisme (1831), 'doutrina de organização social que privilegia o coletivo em detrimento do indivíduo' (Houaiss)

O Brasil é pátria do socialismo político que ilude e fanatiza para criar, conquistar, aumentar e manter poderes; uma associação de companheiros atrelados por sigilos.

O Brasil é pátria do socialismo capitalista que copia as piores ideias neoliberais para regularizar o mercado com suculentas doses de assistencialismo.

O Brasil é pátria do socialismo sindical das assembleias simbólicas e dos líderes embusteiros, que usam a representação para conquistar vantagens pessoais.

O Brasil é pátria do socialismo empresarial, parque de barganhas industriais, comerciais e/ou burocráticas, com obsolescência programada e sonegações espertas.

O Brasil é pátria do socialismo financeiro que distribui dinheiro para comprar quem se vende; prega a igualdade enquanto pratica o individualismo e constrói pirâmides de poder.

O Brasil é pátria do socialismo jurídico que alimenta o crime e cria empregos, tribunais e presídios; uma classe social privilegiada com orçamento próprio e altos salários.

O Brasil é pátria do socialismo esportivo dos cambalachos, das vitórias jurídicas e das conquistas financeiras; campo para lavagem de fortunas ilícitas e para disputas por vaidade.

O Brasil é pátria do socialismo religioso de crenças que criam deuses para iludir e templos para abrigar a fé dos incautos, na certeza da eterna impunidade.

O Brasil é pátria do socialismo orgiástico na busca coletiva dos prazeres extremos do abuso sexual, do consumo de drogas e da ração para obesidade.

O Brasil é pátria do socialismo rodoviário que privilegia a indústria automotiva e a comercialização de veículos usados, em detrimento do transporte coletivo por ferrovias e hidrovias.

O Brasil é pátria do socialismo medicamental das máfias brancas, dos trustes farmacêuticos, das epidemias inventadas e dos planos doentes.

O Brasil carece de:

Socialismo social / de cidadania igualitária

Socialismo governamental / de administrações colegiadas

Socialismo cultural / com socialização das ideias

Socialismo educacional / com comunidades de aprendizagem

Socialismo produtivo / pela valorização do trabalho

Socialismo natural / de respeito à Natureza

Socialismo comunitário / da convivência pacífica e ordeira

Socialismo ético / da consciência e do respeito mútuo

Socialismo saudável / saúdes social, psíquica e física

Socialismo feliz / de bem-estar e de felicidade

16.05.2017

A FORÇA SOCIAL

Há milhares de anos, o hominídeo lutava contra seu vizinho tão naturalmente quanto comia. Ou seja, na luta pela sobrevivência, era normal bater, usar a força para dominar ou, até mesmo, matar o rival. Violência natural. Lutava indivíduo contra indivíduo, família contra família, grupo contra grupo, ...

Através dos séculos, a espécie humana usou as mãos e as armas para impor suas ideias e sua vontade, sem ter consciência de que empregava a força física como qualquer outro animal. Os mais fortes dominavam os mais fracos: os adultos dominavam os jovens e os velhos; os machos dominavam as fêmeas - apenas se fossem mais fortes que elas. Quem *obedecia* era *protegido*. Por isso, a obediência consagra-se como virtude, do ponto de vista do dominador.

Os *fortes* podem também dominar pela linguagem. O canto e os gritos conseguem ampliar os espaços vitais de aves e mamíferos. Tomando como exemplo, os galináceos (domésticos ou não) defendem seus espaços pelo cocoricó e os leoninos, pelo rugido.

Se articulassem a linguagem, leões e galos ampliariam seus espaços e a forma de domínio, sobre a própria espécie e sobre outras espécies. Enquanto o grito queria dizer simplesmente “fora daqui, esse pedaço é meu”, a articulação poderia

explicar porque tinham *direito* ao espaço dominado e quais as condições e os limites do domínio.

O poder dos dominantes justificando os argumentos ditatoriais, nas religiões, nas políticas e nas ‘justiças’. Em síntese, as regras oficiais eram (e são) cumpridas porque o bom *juízo* recomendava obediência.

“Manda quem pode; obedece quem tem juízo.”

À medida que substituíram o uso da força pelo uso da linguagem articulada, os homínídeos se transformaram em *homens*. Evolução fundamental para a ampliação e consolidação do domínio humano sobre os demais animais que não desenvolveram a fala. O homem, que, pela força, já dominava outros homens e animais menores, se torna mais eficiente, dominando-os também pela palavra. Inicia, então, a Guerra do Letramento, com o uso da escrita pelas *elites cultas* para dominar os analfabetos.

Como nos mostra Vygotsky, linguagem e pensamento têm desenvolvimento interdependente e contínuo.

Assim, o desenvolvimento linguístico veio acompanhado de desenvolvimento da inteligência. Talvez, se outra espécie animal tivesse articulado a voz, hoje, não seríamos tão soberanos.

A substituição da força pela palavra se dá aos poucos, ao longo de milhares de anos, e ainda não se consumou, coexistindo a democracia com a guerra. O dominador, seja ele indivíduo, grupo ou nação, demonstra civilidade, tentando convencer pela

palavra, pelo discurso, pela diplomacia. Porém, se não atingir o objetivo, não vacila em usar a força.

Nesse processo de substituição, se confirma a *regra do mais forte*: os machos exigem que as fêmeas usem a linguagem em vez de usar a força física para se defenderem ou para atacarem, as obrigando a serem *civilizadas*. Porém, se as fêmeas não agirem conforme o esperado, os machos, então, se permitem usar a força, porque eles detêm o poder. Poder exercido prioritariamente pela linguagem. Todavia, se *elas* não tiverem *juízo*, *elas* se consideram no direito, segundo o juízo *deles*, de voltar ao uso da violência física. Essa segunda instância garante que, com o tempo, *elas entendam* as mensagens.

O mesmo acontece em outras relações sociais: adultos sobre jovens, grupos sobre indivíduos, grupos maiores sobre grupos menores, armados sobre desarmados, ricos sobre pobres, eruditos sobre analfabetos. Surgem alianças de mais *fracos* para superar o poder de um *forte*.

A linguagem, a articulação e a força garantem também o domínio do grupo sobre os indivíduos.

O ser humano talvez seja o único animal a se agrupar para atacar a própria espécie, sejam indivíduos ou sejam outros grupos rivais. De forma arcaica, juntando forças físicas – mãos, braços, pernas, unhas, dentes, pedras, paus, fuzis, misseis, ... – ou, *democraticamente*, substituindo a força muscular pela força oral, pelo poder da palavra.

Exemplo da força inquestionável da sociedade sobre o indivíduo é a pena de morte: muitos são condenados à morte por terem matado... Por isso, *a lei manda* matar o matador.

Aceitamos que a sociedade faça *justiça com as próprias mãos*, condenando a morrer os que mataram menos que ela. Matar na guerra merece condecoração, por ser considerado um gesto nobre, da nobreza instituída ... que decreta pena de morte para quem matar sem ordem oficial de um governo.

Usamos a própria linguagem para dizer que mudamos a linguagem. Entretanto, em último caso, usamos a força das mãos e dos artefatos bélicos para garantir que a mudança seja aceita, que nossa *verdade* seja a única, que nossa regra seja cumprida. Mudamos tanta coisa, mudamos o mundo; só não abrimos mão da lei do mais forte.

As *leis* proíbem o indivíduo de acusar, de roubar ou de matar. Porém, a *sociedade* – um ente ideológico e mítico – tem o direito de fazer e de absolver a si mesma desses crimes com toda naturalidade, porque é muito mais forte que os indivíduos. As leis civis foram criadas pelo Homem. Logo, são produto cultural humano; não são leis naturais. No entanto, ao mais forte *pode* optar entre as leis do legislador e as leis da natureza, se houver vantagens para ele.

Em 10.12.1948, os homens se disseram animais especiais, através da Declaração dos Direitos Humanos. Seria o cultural substituindo o natural,

mudando as regras sociais. Porém, ainda os opressores esquecem da linguagem, da diplomacia, do diálogo e usam a força bruta, toda vez que seus interesses não são atendidos.

Ainda não somos totalmente humanos; só o seremos no dia em que, abdicando da irracionalidade, respeitarmos os direitos dos outros. Principalmente quando os outros forem os mais fracos, os sem-poder. É a utopia do educador; o sonho possível.

Entretanto, as regras continuam as mesmas: os fortes dominando os fracos, preferencialmente pela palavra. Caso não haja obediência, aí, se volta ao método anterior, que ainda funciona: homens mandando em mulheres, adultos mandando em jovens, grupos mandando em indivíduos, grupos poderosos mandando em grupos menos poderosos. E quem manda *tem o direito* de escolher as armas; se a palavra for insuficiente, acrescenta-se o porrete, a faca, o revólver, o canhão, o míssil, ... o Pentágono, a OTAN e a ONU.

Tudo muda e evolui, menos a regra fundamental do jogo. Inventamos várias contagens para o tempo, vários calendários. O ocidental, que tem mais poder, diz que estamos na virada do milênio, entrando em uma nova era. Ainda os fortes dominando os fracos; sendo mais ético fazê-lo pela linguagem, criando e impondo a lei, que garante o *direito* do legislador, com os argumentos de quem tem poder.

Desses argumentos, o mais convincente - e talvez o mais sutil e silencioso - é a nossa consciência de que, se o discurso verbal não for suficiente, o detentor do poder apelará para a violência física ou para a violência simbólica: poder do dinheiro, poder político, poder religioso, empregabilidade, ...

Escrito em 1976; reescrito em 14.09.1999; atualizado em 27.03.2022.

QUASE DO ALTO DA MONTANHA

Minha meta era chegar ao topo da montanha. Estava confiante. Sai bem cedo. Muitas pessoas queriam me ajudar nessa empreitada e sobravam ofertas. Bem agasalhado, com os pés protegidos e com o olhar curioso, dei os primeiros passos com vontade de ir longe e de ir por minha conta.

A caminhada inicial foi faceira. Eu andava solto, sem memórias a carregar. Os moradores das duas beiras da estrada me ofereciam frutas e orientações. Por pressa ou por ilusão de suficiência, pouca coisa aceitei e segui com determinação.

Nas planícies pontilhadas de casas que abrigavam muitas pessoas sorridentes, os campos cultivados emendavam uns nos outros, preenchendo as distâncias que meus olhos conseguiam abarcar. Ali, não via espaço pra mim; teria de seguir procurando meu lugar.

Como trazia o estômago cheio e encontrava ar fértil para efetivar as trocas gasosas, caminhava resoluto, devorando distâncias, sem analisar meus passos e as infinitas possibilidades de caminhos a tomar.

Apenas, pisava firme, seguindo adiante, levantando os olhos, vez em quando, para mirar as escarpas que pretendia alcançar. Ainda, com pouco planejamento.

Empurrado pelo entusiasmo, galguei as primeiras elevações, donde poderia avistar os campos adjacentes, mas... nem lembrei de olhar para trás. Urgia andar depressa, sem paradas para beber água, pois o relógio de sol deslizava continuamente.

Subi nos primeiros contrafortes que sustentavam a base da cordilheira e me senti o máximo: um vencedor, para o qual, os obstáculos seriam apenas desafios. Naquele momento, vencer a dificuldade de continuar a escalada rumo ao ápice.

Enquanto a inclinação do terreno exigia pouca obliquidade das solas dos sapatos, mantive a inconsciência da existência de meus pés. Também, desconsiderava o derredor e a possibilidade de outros estarem percorrendo trilhas paralelas aos meus rastros ou convergentes ao meu alvo.

A elevação permitia, cada vez mais, vislumbrar paisagens e eu poderia apreciar as belezas primaveris. Mas... era tempo de caminhar... no qual, não cabiam devaneios poéticos: deveria baixar a cabeça e andar e andar e andar...

Andava já com algum peso nas pernas. O ar se fazia menos denso e o calor fustigava minhas costas. A mente perdia as convicções, as ideias começavam a esmaecer e o crescente silêncio afastava comentários e palpites. Pude, assim, continuar minha escalada sem contestações.

As argilas macias pisadas no início da jornada deram lugar a cascalhos, seixos e areião. Acima, avisto

saibro, pedras soltas, algumas lajes que se mostram em parte. Terei de ter mais cuidado ao firmar os pés no solo instável; um escorregão pode provocar alguma queda e arranhões doloridos.

Ultrapassadas as primeiras montanhas, encontrei pedras firmes, em aclave crescente, que força meus tornozelos e estica as panturrilhas. As dificuldades passam a calibrar o ímpeto de avançar. Comecei a analisar atalhos, por critérios de segurança e para economizar energias.

Na planície e nas rampas suaves, eu deixava os braços balançarem as mãos ociosas, mantendo sem esforço o prumo do corpo. Ao transpor as colinas, precisei usar braços e mãos para fazer contrapeso ao desequilíbrio alternado pelos passos sobre o terreno irregular, como um equilibrista sobre o trilho estreito. A velocidade da marcha se reduzia com o aumento gradual de dificuldades. Ao mesmo tempo em que minha soberba definhava.

Restava pouca água no cantil e eu olhava menos para cima. Vez ou outra, parava para contemplar as encostas pedregosas mais abaixo, encobertas por vegetação luxuriante. Todavia, meu objetivo cobrava coragem para prosseguir. Mesmo sentindo cansaço, substituí os ímpetos iniciais por esforços para salvar o orgulho.

Quanto mais alto, mais só e mais fraco. As companhias das planuras, as frutas oferecidas ou disponíveis nas árvores nativas e a brisa agradável

foram substituídas por vento inclemente, sol abrasador, espinhos traiçoeiros, pedras roliças e ameaças de quedas acidentais.

Parei e, pela primeira vez, contemplei as lonjuras. Procurei em vão pela trilha que segui. Nada. Nem sinal. Consegui apenas imaginar por onde havia passado. Nenhum sendeiro de brilho deixado pela minha inglória passagem. Sem enxergar pessoas perto das casas; via apenas bovinos esparsos pela pastagem. Os humanos e os ruminantes deveriam ter buscado abrigo nas sombras. Sombras que eu tanto desejo agora que estou coberto de luz.

Ah! Por que não circulei pela planície com humildade e modéstia? Do alto do meu isolamento, procuro em vão pelas companhias da minha juventude. Os amigos de infância desapareceram quase todos e os que restam estão tão esquisitos, irreconhecíveis. Fomos colegas? Fomos amigos?

Sem colegas, sem amigos, sem vizinhos, sem esperanças, sem futuro... no alto de mim mesmo.